



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

STEPHANNY LIMA CRUZ

**POR UM BRASIL “GOSTOSAMENTE” CONSTRUÍDO: A SEXUALIDADE COMO
DISPOSITIVO FREYREANO NA INVENÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA**

PARNAÍBA-PI
2025

STEPHANNY LIMA CRUZ

**POR UM BRASIL “GOSTOSAMENTE” CONSTRUÍDO: A SEXUALIDADE COMO
DISPOSITIVO FREYREANO NA INVENÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Licenciatura em História, do Campus
Professor Alexandre Alves de Oliveira, da
Universidade Estadual do Piauí, para a
obtenção do grau de Licenciada em História,
sob orientação do professor Dr. Idelmar Gomes
Cavalcante Júnior.

**PARNAÍBA-PI
2025**

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como Gilberto Freyre, especificamente a partir da obra *Casa Grande & Senzala*, possibilitou a posituação da mestiçagem, contribuindo para uma construção de identidade brasileira sob um símbolo da sexualidade. Para isso, propomos, a primeiro momento, uma análise bibliográfica a partir de Lilia Schwarcz e Renato Ortiz – bem como outros autores – para abordar ideias acerca de uma identidade brasileira como forma de estabelecer divergências e convergências entre Freyre e essas teorias. Por conseguinte, o método utilizado nesta pesquisa se constitui na análise do discurso freyriano para compreender os usos da sexualidade em sua obra e como isso moldou uma identidade brasileira. Para essa análise de discurso, nos atrelamos às proposições teóricas de Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, bem como em *História da sexualidade*. Além disso, também baseado em *A ordem do discurso*, de Foucault, propusemos uma breve relação entre *Casa Grande & Senzala* e *Orgia: diários de Tulio Carella*, a fim de indicar uma noção de legitimação e deslegitimação de discurso. Para concluir, compreendemos que as propostas feitas por Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, se constituem em um discurso intencionado e que toda a sexualidade trabalhada na obra em questão permitiu uma promoção de uma identidade nacional atrelada a uma noção de sexualidade.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Sexualidade; Discurso; Mestiçagem; Patrimonialização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 “A REDENÇÃO DE CAM” POR LINHAS TORTAS: A POSITIVAÇÃO DO MESTIÇO EM GILBERTO FREYRE	10
3 A SEXUALIDADE NA OBRA DE GILBERTO FREYRE: DISCURSO, CORPO E IDENTIDADE.....	25
3.1 Discurso e poder: quando Freyre encontra Foucault.....	25
3.2 O contexto ao texto: uma casa grande revisitada	31
3.3 A patrimonialização de uma sexualidade (a) normal.....	39
4 UM BACANAL DISCIPLINADO: QUANDO FREYRE INTERDITA CARELLA ...	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta analisar discursos sobre a sexualidade na formação do Brasil e o seu lugar privilegiado enquanto signo da identidade nacional. Para tanto, nosso objeto de estudo foi a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Por meio desse trabalho consagrado, exploramos a presença da sexualidade no discurso de Freyre e procuramos entender como esse discurso tornou a sexualidade um patrimônio brasileiro. Ressaltando, é claro, as relações de poder por trás dessa “patrimonialização”.

Haja visto esse primeiro exposto, a abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é qualitativa, tendo como principal documento a citada obra (*Casa Grande & Senzala*). E para testar a eficácia do seu valor enquanto ideologia, utilizamos a obra *Orgia: os diários de Tulio Carella*, de Tulio Carella. Apresentamos este trabalho como um contraponto à *Casa Grande & Senzala*, uma leitura desviante da sexualidade brasileira que, na medida de sua rejeição, nos permitiu pensar o quanto Gilberto Freyre contribuiu para a constituição de um regime de verdade sobre a sexualidade do brasileiro. Para esta pesquisa, o principal instrumento utilizado foi a análise do discurso.

A análise do discurso se destaca como instrumento de grande relevância principalmente pela relação desta pesquisa com a “história das ideias”, ramo da História que se dedica a pensar as ideias enquanto unidade que compõe e que se prolifera pelos discursos no tempo e no espaço. A relação entre a análise do discurso, a história das ideias e esta pesquisa tornou-se necessária à medida que esse campo da História propõe que “[...] a maior parte dos estudos ambientados na História das Idéias relaciona-se às idéias que se concretizam de alguma forma em discursos, sistemas de pensamento, sistemas normativos, paradigmas interdisciplinares, e movimentos políticos ou de qualquer outra ordem” [*sic*] (Barros, 2008, p. 9).

Por conseguinte, o presente tema passou a nos interessar à medida que fomos identificando, ao longo da trajetória acadêmica, a existência de uma visão estereotipada, um tipo de exotização/sexualização sobre o brasileiro. Ao longo do processo de formação acadêmica nos deparamos com paradigmas acerca do Brasil e do brasileiro. Dentro desses paradigmas, percebemos que existia uma versão sobre o país, em que a caracterização que se tem sobre o brasileiro, principalmente da mulher brasileira, estava em torno de uma proposta de cunho sexual. Desse modo, essa questão passou a nos chamar a atenção, se tornando um constante questionamento e objeto de estudo. Além disso, pensando em um âmbito acadêmico, embora esta não seja uma pesquisa de cunho inovador, tendo em vista a extensa produção

historiográfica sobre identidade nacional e Gilberto Freyre, a pesquisa em questão é tratada sob um olhar específico, tomando Gilberto Freyre enquanto um produtor de discurso autorizado que se apropria de determinada característica – a mestiçagem – que até então era vista de forma pessimista. Ao se apropriar dessa característica, Freyre consegue tornar aquilo que a priori era negativo em algo não apenas positivo, como também exaltado, tornando esse elemento um símbolo de uma identidade brasileira. Partindo disso, essa pesquisa se apresenta de forma interessante para um contexto acadêmico, visto que, além de estabelecer uma visão particular sobre a formação identitária brasileira, ao relacionar Gilberto Freyre e História da sexualidade, também propõe uma discussão profunda sobre uma naturalização das relações sexuais que promoveram a miscigenação. Essa naturalização das práticas sexuais coloniais proposta por Freyre, promoveu a elevação da miscigenação e da sexualidade a elementos identitários do brasileiro, tornando essas, características marcantes desse povo. Dessa maneira, Freyre, ao abordar uma trajetória de formação do Brasil pautada na miscigenação, fez com que o brasileiro fosse indissociável de uma sexualidade.

Por conseguinte, o objetivo geral desta pesquisa é entender de que forma Gilberto Freyre se apropriou da sexualidade para propor uma identidade nacional. Além disso, devemos expor que o trabalho aqui referido está dividido em três partes: na primeira, o que nos interessa é perceber de que forma Gilberto Freyre se “desliga” de uma lógica das teorias raciais que ainda vigorava no Brasil. Para isso, propomos uma discussão teórica com base nas obras centrais *O espetáculo das raças* (1993), de Lilia Schwarcz, e *Cultura brasileira e identidade nacional* (2003), de Renato Ortiz. Dessa maneira, por meio dessas duas obras, bem como com o apoio de outras, fizemos uma explanação de algumas teorias raciais vindas do exterior e que tiveram grande força no Brasil.

Nossa intenção, a partir disso, foi estabelecer rupturas e conexões entre Gilberto Freyre e essas teorias, a fim de demonstrar como o autor de *Grande Sertão & Veredas* se desvencilhou, de certa maneira, de uma perspectiva raciológica para promover uma perspectiva menos pessimista sobre determinadas características (principalmente a mestiçagem) que eram renegadas por muitos intelectuais brasileiros do século XIX e em parte do século XX. No entanto, apesar de discutir essa ideia de que Gilberto Freyre se desvencilha das teorias raciais, enfatizamos que isso não ocorre completamente e que, na verdade, a principal alteração em Freyre está nos seus novos referenciais teóricos (Franz Boas, por exemplo) e na sua guinada para o aspecto da cultura em vez de pensar a raça em si.

Subsequentemente, abordamos diretamente a obra de Gilberto Freyre. Nesse momento fizemos uma correlação entre *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre e Michel Foucault, tanto sob uma perspectiva de *A ordem do discurso*, quanto sob *História da sexualidade*. Essa abordagem foi estabelecida para entender de que maneira a sexualidade foi tratada na obra de Gilberto Freyre.

Em primeira instância, discorremos sobre a ideia de Freyre enquanto um discurso autorizado, o que significa que sua prática discursiva estava coerente com regras e normas estabelecidas por uma ordem do discurso. Nossa sugestão aqui é a de que isso teria contribuído para o que estamos chamando de “patrimonialização das práticas sexuais do brasileiro”, ou seja, de uma sexualidade pautada no patriarcalismo de tipo colonial em que o homem (colonizador) exerce seu poder não apenas contra a mulher de modo geral, mas, sobretudo sobre os corpos das mulheres negras e indígenas.

Essa sexualidade, portanto, destaca o protagonismo de quem historicamente ocupa um lugar de privilégio: o homem branco. A partir disso, propomos uma discussão com a história da sexualidade. Assim, discorremos sobre os apontamentos de Michel Foucault acerca de um controle sobre o sexo, a ideia de que, ao contrário de que se pensa normalmente, não houve um silenciamento sobre sexo nos primeiros séculos da modernidade, na verdade, o que ocorreu foi o controle sobre quem pode falar sobre o sexo, pois para tudo se tem regras específicas e o sexo não deve ser discutido de forma vã e ingênua, ele precisa ser dito sob um propósito. Nesse caso, Gilberto Freyre tinha um propósito: tornar o sexo e a sexualidade, pontos centrais em uma construção do Brasil – visto que seus discursos giram em torno da miscigenação –, em um aspecto nacional, fazendo isso de maneira que tornasse essa sexualidade algo patrimonial do Brasil. No entanto, isso não ocorreria de qualquer forma. Durante nossa pesquisa, fomos percebendo que essa patrimonialização só foi possível por ter sido em favorecimento do homem branco.

Em momento posterior, discutimos sobre a obra *Orgia: diários de Tulio Carella*, com o propósito de pensar sobre uma autorização de discursos e como os procedimentos impostos por uma ordem institucional atuam em discursos semelhantes, como Gilberto Freyre e Tulio Carella, de formas diferentes, validando ou não esses discursos. Dessa maneira, destacamos três pontos centrais para pensar a obra de Tulio. O primeiro momento, ressaltamos que está é uma obra de um autor estrangeiro; em seguida, devemos elencar que os diários de Tulio foram escritos entre 1960 e 1962 no Brasil, momento que antecede o golpe militar de 1964; por último, temos uma das principais questões: os diários, que se tornaram a obra em questão, falam

explicitamente sobre sexo, especificamente sobre relações homoafetivas que se constituem enquanto sexualidades ilegítimas.

Esses três pontos são importantes nesse capítulo à medida que propomos uma relação entre a obra de Tulio Carella e a obra de Gilberto Freyre. Dessa forma, embora Freyre também aborde relações ilegítimas ao trabalhar com a miscigenação dos três principais troncos étnicos da formação do Brasil, seu discurso foi permitido, o que está relacionado tanto ao momento em que ele se propõe a fazer e como o faz, pois, de acordo com Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, existem temas específicos que devem ser tratados em lugares e por pessoas específicas, respeitando as normas de uma ordem do discurso.

Além disso, o autor de *Casa Grande & Senzala* pertence a uma aristocracia herdeira de uma tradição escravocrata, o que facilitou essa legitimação dos discursos freyrianos. Dessa maneira, o intuito desse capítulo é promover a discussão sobre como os métodos de uma ordem do discurso atuam de forma a silenciar discursos sobre sexualidade quando propostos por indivíduos que não pertencem a um lugar privilegiado. A partir disso, conseguimos destacar que existem intelectuais autorizados e outros não autorizados.

Concomitantemente, discutimos nesse tópico o fato de que, a partir dessa autorização e legitimação, Gilberto Freyre foi capaz de propor uma teoria de formação do Brasil mediante as práticas sexuais que tornaram o brasileiro um povo miscigenado. No entanto, para além disso, nossa principal defesa, nesse momento, é de que Gilberto Freyre conseguiu legitimar sua teoria a partir do momento em que direcionou essas práticas sexuais em favor do homem branco, colocando-o no centro dessa questão. Portanto, além dos demais fatores apontados anteriormente, essa hierarquização que põe o homem branco enquanto sujeito principal das relações teria sido o elemento crucial para as propostas de Gilberto Freyre.

2 “A REDENÇÃO DE CAM” POR LINHAS TORTAS: A POSITIVAÇÃO DO MESTIÇO EM GILBERTO FREYRE

Ao analisarmos a obra do sociólogo Gilberto Freyre, é possível inferir que ele está para os estudos históricos/sociológicos dentro de um impasse. Isso se dá pelas contribuições que esse autor forneceu para se pensar uma identidade brasileira. Sendo Gilberto Freyre, indiscutivelmente, uma peça-chave para a compreensão da formação do Brasil, ele tornou-se, nas últimas décadas, alvo de debates e críticas, principalmente devido às suas abordagens referentes aos indígenas e negros no passado brasileiro. Dessa forma, quando apontamos que Freyre está inserido em um impasse histórico e sociológico, queremos dizer que existem linhas historiográficas e sociológicas que o percebem sob um olhar positivo e outras que o encaram sob uma perspectiva menos otimista.

Dentre alguns aspectos criticados em sua obra, encontra-se o conceito de “democracia racial” que, embora não tenha sido formulado por ele, ganhou grande projeção em nosso país a partir de obras como *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. O conceito referido acima consagrou a tese de que, historicamente, não teria havido tensões graves entre negros, indígenas e brancos no Brasil; o que, colateralmente, contribuiu para a constituição sub-reptícia de um racismo estrutural entre nós.

No entanto, apesar dessas alegações, o intuito deste tópico é pensar Gilberto Freyre como um intelectual essencial para a construção de uma identidade nacional, na qual o mestiço seria o representante ideal de nossa brasilidade. Para tanto, focaremos principalmente na positivação que é atribuída à miscigenação da sociedade brasileira. Portanto, estamos levando em consideração a relação entre as teorias raciológicas e as ideias freyrianas para mostrarmos de que forma o sociólogo pernambucano rompeu com o pensamento determinista tradicional de que a influência do negro teria sido danosa ao desenvolvimento do Brasil, mesmo que em certa medida ele represente algum tipo de continuidade àquelas teorias. Assim, nos interessa analisar como Gilberto Freyre se apropria de tais teorias e propõe a mestiçagem como mito fundador da nacionalidade sob a perspectiva da sexualidade.

A abordagem de positivação do elemento negro para pensar a constituição de uma identidade nacional brasileira, realizada por Gilberto Freyre em algumas de suas obras, subverteu as estruturas ideológicas vigentes, visto que as ideias de uma identidade brasileira, até então, não pensavam as características de ascendência negra como algo positivo, na verdade,

esses aspectos deveriam ser descartados. Portanto, para iniciarmos o trabalho nos fundamentaremos na obra *O espetáculo das raças*, de Lilia Moritz Schwarcz.

Nessa obra é possível conhecer um pouco sobre a desvalorização do negro quando a intelectualidade brasileira tenta responder “O que é o Brasil e o brasileiro?”, na segunda metade do século XIX. Ao destacar a tese de Karl Friedrich Philipp von Martius, ganhador do concurso proposto pelo IHGB, em 1884, acerca de como escrever a História do Brasil, Lilia Schwarcz expõe a existência de uma hierarquização entre os três grupos étnicos principais para a formação do Brasil.

Ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação: “Não ha duvida que o Brasil teria tido”, diz Von Martius, “uma evolução muito diferente sem a introdução dos miseros escravos negros” [*sic*] (Schwarcz, 1993, p. 84).

O que podemos perceber na colocação acima é que há uma espécie de salvação para o indígena, um lugar de superioridade civilizacional para o branco, mas com relação ao negro, a resposta para um progresso da nação brasileira teria sido a não inserção e assimilação desses indivíduos. Portanto, o negro não representava algo positivo. Considerando isso, o processo de miscigenação que ocorreu no país, a partir de uma leitura literal das teorias raciológicas que chegaram ao Brasil por volta dos anos 1870, não seria útil para o país, pois traria a inviabilidade da nação. Essa obra de Lilia Schwarcz apresenta uma conjuntura e demonstra as preocupações de uma época, pois discorre diretamente sobre as diversas teorias, com fundamentos raciais de final do século XIX e início do XX.

Dentre essas teorias, algumas não estavam sendo divulgadas apenas no meio científico, a propagação dessas discussões ocorria, muitas vezes, em obras literárias, como *O chromo: um estudo de temperamentos*, de Horácio de Carvalho (Schwarcz, 1993). No entanto, embora fosse um grande meio de propagação de ideias raciológicas, a literatura não teria sido a única forma, visto que até mesmo as ações sanitaristas em meados da primeira República (1889-1930) estavam também sob um viés higienista das ideias raciológicas. A exemplo dessas políticas, Lilia Schwarcz cita a Revolta da vacina.

Lilia Schwarcz inicia sua obra abordando algumas alterações que o Brasil vai sofrendo no âmbito político, social e cultural, como o caso da vinda da família real para a colônia, em 1808, e a independência do Brasil, em 1822. Ela destaca esses dois momentos por representarem períodos de grande alteração sociocultural.

Quando a família real transferiu a corte portuguesa para o Brasil trouxe consigo toda uma estrutura político cultural; nesse sentido, houve uma necessidade de criação de centros de saberes mais desenvolvidos. Com a independência, a busca pela formação de instituições próprias do Brasil também fora incentivada. A partir disso, surgiram instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, entidade que seria responsável pela criação e disseminação de muitas ideias sobre e para o Brasil.

Com a criação de centros de formação superior, como as escolas de Direito, surgiram também uma “classe ilustrada nacional”, os “homens da sciencia” [*sic*], que começaram a pensar a realidade do Brasil, tendo como apoio algumas “concepções científicas” propagadas no ocidente, como a Antropologia Criminal, de Cesare Lombroso.

Como apontamos anteriormente, os nossos intelectuais da época se apoiavam em ideologias estrangeiras, no entanto, Lília Schwarcz também aponta que essa utilização não significou adesão integral àquelas teorias tal como foram lançadas originalmente. Essa elite brasileira, incumbida de pensar “cientificamente”, fez uma espécie de adaptação, selecionando aquilo que seria válido (na visão dessa elite intelectual) para pensar o cenário singular do país.

Foi por meio dessa apropriação particular que a mestiçagem foi se tornando elemento historicamente viável para o Brasil, como vemos a partir do naturalista Silvio Romero que, ainda no século XIX, via nessa grande mistura étnica “[...] a saída ante a situação deteriorada do país e era sobre o mestiço — enquanto produto local, melhor adaptado ao meio — que recaíam as esperanças do autor.” (Schwarcz, 1993, p. 86). Apesar disso, não devemos encarar Silvio Romero como um homem a frente de seu tempo, que ignorava as correntes teóricas do momento em que viveu, tentando romper com elas. Na verdade, como bem nos fala Lília Schwarcz, Romero foi um grande adepto ao determinismo racial.

Dentro dos apontamentos da autora, o que fica claro é que os “homens da sciencia”, entre 1870 a 1930, estavam procurando uma forma de determinar uma identidade brasileira, tendo como referência os modelos raciais vindos da Europa. Esses modelos, na perspectiva brasileira, podem ser vistos como um método inicial para pensar o que seria o brasileiro. No entanto, não seriam suficientes, isoladamente, visto que havia uma distância existente entre teoria estrangeira e a realidade do Brasil, por isso, essas teorias foram empregadas de forma adaptada.

Dentro do que a autora trabalha, as teorias, como darwinismo social, são interpretadas e assimiladas como uma arma por determinadas sociedades, visto que eram utilizadas para propor uma justificativa ao distanciamento social entre grupos distintos.

Fazendo as vezes de ideologia da cultura nacional, as teorias científicas raciais cumprirão no Brasil papéis distintos. De um lado, enquanto discurso leigo, vão se contrapor à Igreja e à influência religiosa; de outro, legitimarão as falas dos grupos urbanos ascendentes, responsáveis pelos novos projetos políticos e que viam nelas sinal de “modernidade”, índice de progresso. Mas, se a questão racial foi operante na medida em que apontava para determinadas compreensões da sociedade, impediu ou relativizou a realização de outros debates. Ao mesmo tempo que uma leitura determinista gerou o fortalecimento da importância das raças na formação da nação, em contrapartida levou a um esvaziamento do debate sobre a cidadania e sobre a participação do indivíduo. Entendendo o sujeito como resultado de seu grupo “racio-cultural”, esse tipo de teoria tendeu a negar a vontade individual frente a coerção racial (Schwarcz, 1993, p. 179).

Nesse caso, houve uma aplicação das teorias de forma que tornou o “outro”, negros e mestiços, parte neutra da sociedade. De outra forma, essa aplicação de determinadas teorias fez com que indivíduos lidos negativamente sob um viés raciológico fossem postos à margem de uma cidadania, uma vez que os grupos intelectuais dedicados ao pensamento sobre o futuro do Brasil determinavam que a raça seria o fator de maior importância sob um indivíduo, o que faria desses indivíduos naturalmente inaptos à participação de decisões na sociedade.

Para exemplificar essa ideia, exposta no parágrafo anterior, podemos citar as ideias disseminadas pelo médico brasileiro, Raimundo Nina Rodrigues, muito influenciado pela antropologia criminal, de Cesare Lombroso. Nina Rodrigues, de acordo com Marcela Franzen Rodrigues (2015), discorreu, na obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, sobre a necessidade de se criar um código penal separado para negros, mestiços e indígenas, visto que

[...] para o autor, um negro que cometesse um crime de honra, por exemplo, não poderia ser julgado da mesma maneira que um branco que tivesse cometido o mesmo crime. Suas aptidões mentais, suas formas de ver o crime e seus códigos de conduta eram outros. O branco deveria ser punido mais severamente que o negro, pois ele teria domínio sobre o código da civilização. Sua superioridade mental o obrigaria a ter consciência e pensar racionalmente sobre o crime que porventura viesse a cometer, diferentemente do negro, que seria acometido por suas emoções, que dominariam sua consciência, incapacitando-o para a racionalidade. O caso do indígena (puro) era o mesmo que o do negro (Rodrigues, 2015, p. 1124).

Dessa forma, ao estabelecer que o negro, bem como o indígena, seria acometido por emoções, incapacitando-o de um pensamento racional, Nina Rodrigues exerce uma função de exclusão desses indivíduos (negros, indígenas e mestiços) de uma ideia de civilização racional, corroborando, dessa maneira, o que fora abordado anteriormente a partir da obra de Lilia Schwarcz. De outra maneira, ao colocar negros e indígenas em uma posição de irracionalidade devido a uma constituição psíquica própria de cada grupo (indígenas e negros), Nina Rodrigues

promove “[...] um esvaziamento do debate sobre a cidadania e sobre a participação do indivíduo. Entendendo o sujeito como resultado de seu grupo “racio-cultural”, esse tipo de teoria tendeu a negar a vontade individual frente a coerção racial” (Schwarcz, 1993, p. 179).

Partindo disso, podemos propor que a discussão acerca do que é abordado em *O espetáculo das raças* nos interessa à medida que expressa um sentimento pessimista sobre a possibilidade de encarar uma sociedade miscigenada. Ou seja, a visão negativa sobre uma realidade mestiça. Isso é importante para nós, uma vez que nos debruçaremos sobre a obra de Gilberto Freyre, um intelectual brasileiro que promoveu um evidente deslocamento teórico ao elogiar a hibridização étnica que constituiu a sociedade brasileira. Um deslocamento que se contrapôs a um regime de verdade bem consolidado sobre o Brasil e que se evidencia nas palavras de um viajante que passou pelo Brasil em 1865:

[...] que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental (Schwarcz, 1993, p. 13).

Nitidamente, a ideia expressa nesse depoimento é a da inviabilidade do povo brasileiro devido à sua mistura racial. Uma mistura demasiada que, na visão de estrangeiros e mesmo de intelectuais do Brasil, seria responsável pelo atraso do país.

Mas a demonstração de ideias e do pensamento racial que envolve diretamente o problema da mestiçagem brasileira não se constituem apenas como um passo qualquer desta pesquisa. Ao abordar depoimentos e concepções sobre esse “problema” do Brasil, caminhamos para aquilo que nos propomos no início: demonstrar que as ideias freyrianas aparecem como contraponto a essa negatividade atribuída ao hibridismo entre grupos étnicos. No entanto, antes de adentrar de fato na obra de Gilberto Freyre, propomos ceder breve espaço a um outro exemplo sobre a questão racial no Brasil.

O branqueamento racial, proposto entre o curso dos séculos XIX e XX. A teoria sobre o branqueamento racial pode ser vista como uma das ideias que contrapunham a noção de atraso devido à miscigenação, isto pois, essa noção de branqueamento girava em torno da ideia de que, a partir das relações sexuais entre raças, a população brasileira alcançaria um relevante estágio, o branqueamento. Nesse momento, uma das atitudes governamentais tomadas, de acordo com o que Maria Aparecida da Silva Bento, psicóloga brasileira, fora:

O estudo de Azevedo evidencia como o ideal do branqueamento nasce do medo, constituindo-se na forma encontrada pela elite branca brasileira do final do século passado para resolver o problema de um país ameaçador, majoritariamente não-branco. Esse medo do negro que compunha o contingente populacional majoritário no país gerou uma política de imigração européia por parte do Estado brasileiro, cuja consequência foi trazer para o Brasil 3,99 milhões de imigrantes europeus, em trinta anos, um número equivalente ao de africanos (4 milhões) que haviam sido trazidos ao longo de três séculos (Bento, 2022, p.12).

Dessa maneira, concluímos que, além de ser uma forma para tornar a sociedade brasileira viável, o projeto de branqueamento também envolvia um medo institucionalizado do negro. Sendo assim, uma das medidas para solucionar esse problema estava na intensa entrada de europeus, que agiriam como agentes “purificadores”, pois, ao cruzarem com pessoas mestiças, negras ou indígenas, forneceriam uma saída à uma população antes condenada por seu grande contingente de negros. De outra forma, podemos dizer que para uma proposta de branqueamento racial, a mestiçagem entre brancos e negros era percebida como algo positiva, visto que serviria a um propósito, eliminar determinadas características indesejadas para o futuro do povo brasileiro.

Esse projeto de branqueamento racial está bem representado pelo quadro conhecido como *A redenção de Cam*, de Modesto Broccos.

Figura 1 - *A redenção de Cam*



Fonte: Modesto Broccos, 1895

O quadro apresenta uma família composta por quatro pessoas, uma mulher negra, que representa a avó, ao lado uma mulher de pele mais clara, sendo a representação do mestiço, apresentando-se enquanto a mãe e “[...] no outro extremo, sentado e parcialmente de costas para os demais está um homem de seus 30-35 anos. De tez branca, sua aparência lembra a de um migrante ibérico ou mediterrâneo” (Santos; Maio, 2004, p. 62). No colo da mulher mestiça

vemos uma criança cuja cor se assemelha a do homem que, aparentemente, representa o pai. Na imagem podemos ver que a avó estende as mãos para cima como um gesto simbólico de agradecimento; esse gesto pode ser encarado como um agradecimento ao processo do embranquecimento ocorrido entre as gerações. Isto porque, se encararmos que o homem da imagem representa o pai e a mulher que segura a criança representa a mãe, a criança na imagem, por sua vez, representa o êxito do branqueamento. Dessa forma, a pintura indica, portanto, que a mestiçagem seria um método a ser utilizado para chegar ao objetivo principal, o embranquecimento da população brasileira.

Considerando que um dos propósitos desse tópico é discutir os modelos raciais, analisando como eles se postulavam dentro da sociedade brasileira, a imagem exposta anteriormente interessa à nossa pesquisa à medida que fornece uma ideia sobre os pretensos benefícios da miscigenação, que representaria o apagamento de características físicas (principalmente) dos grupos considerados prejudiciais à evolução (o negro e o indígena). Essas informações são de grande importância para pensarmos a figura de Gilberto Freyre em um momento seguinte, pois demonstra, entre outros aspectos, que o autor de *Casa Grande & Senzala* não é um revolucionário no que diz respeito à uma abordagem menos pessimista e determinista sobre o processo de hibridização sociocultural do Brasil, já que o próprio branqueamento via a miscigenação de forma positiva, embora ela fosse vista como um meio para alcançar um objetivo maior.

O sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, diferente em certa medida de uma teoria do branqueamento, desenvolve a partir de *Casa Grande & Senzala*, uma tese sobre o mestiço enquanto um tipo ideal do Brasil. Na obra, de grande relevância e reverberação na sociedade, o autor se dedica a pensar o Brasil, descrevendo uma série de características de indígenas, portugueses e africanos com a finalidade de defender a ideia de que ambos os três grupos foram importantes para a formação da família brasileira, tornando, de certa forma positiva, aquilo que até então era visto como um aspecto maléfico para o país: a mestiçagem. Nesse sentido, *Casa Grande & Senzala* nos fornece vasta informação para o que propomos nesta pesquisa, haja visto que essa produção aborda diretamente as interações socioculturais entre raças.

Gilberto Freyre sem dúvida é um sociólogo de extrema importância para os estudos sobre Brasil e influenciou pesquisas de diferentes abordagens. Na obra de José Wellington de Souza, intitulada *Raça e nacionalidade tropical: a obra de Gilberto Freyre para além da antropologia culturalista é uma delas* (2021), o autor busca analisar os conceitos de raça e cultura sendo complementares um do outro. Ele visa ir em contraposição a uma corrente que

procura associar as obras de Freyre com um ideal de branqueamento e como disseminadora de uma democracia racial que mascara problemas socioculturais.

O que visamos nessa obra é exatamente a forma como o autor trabalha as ideias de Gilberto Freyre, dando uma outra conotação ao sociólogo brasileiro.

Além disso, a obra teria sido considerada portadora de tamanha importância histórica e sociológica, que acabou por oferecer ao estudante uma ponte entre o que Candido chamou de o naturalismo de Euclides da Cunha, Silvio Romero e Oliveira Vianna, e a nova sociologia brasileira, que traria a lume nomes como o de Caio Prado Jr. E Florestan Fernandes (Souza, 2021, p. 28).

No sentido que nos é apresentado, o autor de *Casa Grande & Senzala* teria sido um meio de ligação entre escritores de cunho mais deterministas, o caso de Silvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, além de uma nova perspectiva sociológica. Sendo assim, significa dizer que as ideias de Gilberto Freyre promovem uma alteração a respeito de um olhar pessimista sobre a miscigenação, no entanto, não rompe totalmente com essas vertentes anteriores.

Pensando a partir do exposto de Souza (2021) e partindo de uma comparação com os ideais de uma nacionalidade baseada em teorias raciais, podemos inferir que Gilberto Freyre apresenta uma perspectiva diferente em determinados pontos. Porém, partindo ainda daquilo que Souza nos passa com o trecho acima, a ideia de Freyre como uma “ponte” significa, dentre vários aspectos, que o sociólogo brasileiro ao mesmo tempo que se liga a algo “novo”, também mantém ligação com algumas ideias tradicionais e “antigas”.

Seguindo essa lógica, Souza traz alguns autores para provar que Gilberto Freyre estava além das análises delimitadas que o caracterizavam como mais um intelectual de cunho determinista. Ele aborda a ideia de que Freyre teve influência não apenas de Franz Boas, mas também da biologia neolamarckiana.

Por outro lado, os neolamarckianos possuíam uma concepção contrária de “raça”, a qual era entendida como um processo de interação e adequação ao meio ambiente; ademais, esses acreditavam que as características “raciais” de um indivíduo se constituíam por alterações fisiológicas adquiridas e transmitidas hereditariamente, e que se juntavam a um novo processo de adaptação às novas condições climáticas, com o auxílio de tipos adequados de alimentação, higiene e cultura, aos quais o indivíduo era submetido (Souza, 2021, p. 35).

Nesse sentido, sob outras influências, como o neolamarckismo, Gilberto Freyre se destacou como um ponto de ruptura de um ideário pautado nas teorias raciais – embora não signifique dizer que essa ruptura tenha ocorrido de forma completa –, uma vez que não supunha

a mistura entre raças algo que fosse tornar inviável a possibilidade de progresso da nação, na verdade, dentro dessa lógica Freyriana, a mistura entre raças, no que diz respeito ao Brasil, foi necessária para que a colonização portuguesa obtivesse sucesso. Portanto, a característica que tornou possível essa colonização também poderia ser um caminho para o sucesso na construção de uma noção de nacionalidade brasileira.

As teorias neolamarckianas teriam tido relevante influência no Brasil devido a sua construção teórica de caráter menos rigoroso no sentido da evolução dos indivíduos, já que,

De acordo com a teoria neolamarckiana, muito presente entre os intelectuais brasileiros durante as primeiras décadas do século XX, era preciso levar em consideração as alterações que o meio ambiente exerce sobre os corpos e a possibilidade da transmissão hereditária de tais alterações por meio das gerações, ao contrário do que é defendido pela genética mendeliana e sua noção de transmissão imutável de caracteres herdados (Souza, 2021, p. 33).

Nesse sentido, o que a teoria neolamarckiana nos apresenta é que em relação a teoria como a Mendeliana, onde há uma noção de imutabilidade na transmissão de caracteres herdados, ela permite uma ideia de transformação a partir das interações raciais, como veremos a seguir.

Acerca das colocações sobre o neolamarckismo, devemos lembrar que, de acordo com o que discutimos anteriormente com Lilia Schwarcz, as teorias estrangeiras não eram utilizadas propriamente em sua forma literal, havia uma espécie de seleção de aspectos que eram interessantes e que podiam ser validados de acordo com as características específicas do Brasil. Nesse sentido, o neolamarckismo era uma das teorias que mais compreendeu e auxiliou na construção de discurso sobre o que é o brasileiro.

Dentro da perspectiva de Wellington.

Outra variável que, supostamente, contribuiu para a difusão da teoria genética francesa entre os intelectuais brasileiros teria sido derivada da possibilidade, oferecida pelo neolamarckismo, de uma esperança para o futuro do povo brasileiro, estigmatizado pela miscigenação e pelo clima tropical (Souza, 2021, p. 38).

O neolamarckismo era, portanto, uma das teorias que pautaram uma possibilidade para a população brasileira que fora tão prejudicada pela grande mistura entre grupos distintos, haja visto que o neolamarckismo tem como base diversos mecanismos teóricos, como a “[...] influência do meio circundante, uso e desuso e herança de caracteres adquiridos” (Faria, 2017, p. 1016). Dessa maneira, partindo do que era esboçado por um dos teóricos dessa vertente neolamarckiana, o paleontólogo Edward Drinker Cope:

O mecanismo evolutivo proposto por Cope operava com o acréscimo ou o decréscimo de estágios desenvolvimentais que resultavam no aumento da capacidade adaptativa dos traços gerados por aqueles decréscimos ou acréscimos. Tais traços, por sua vez, eram integrados à espécie submetida ao processo evolutivo, por meio do uso e desuso e a subsequente herança desses caracteres pelas progênes dos indivíduos daquela espécie. Com o decorrer do tempo, haveria um acúmulo no porte de novos traços, capaz de caracterizar os indivíduos portadores como uma nova espécie (Faria, 2017, p. 1017).

Considerando essa ideia, podemos dizer que é a partir desse neolamarckismo que Gilberto Freyre toma espaço e se coloca na “[...] defesa de uma civilização dos trópicos” (Souza, 2021, p. 40). Tendo em vista que essa teoria propõe uma noção de integração de traços mediante métodos como a herança (caracteres adquiridos) que seriam incorporados à “progênie”, ou seja, os descendentes que foram submetidos a um processo evolutivo, caracterizando, ao final, “[...] uma nova espécie” (Faria, 2017, p. 1017).

Segundo Souza (2021), essa deterioração não estava ligada inteiramente à “corrupção” do sangue devido ao hibridismo étnico, mas sim, em grande parte, aos elementos da alimentação (Souza, 2021). Assim como Souza explicita em sua obra, Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, cede um lugar de evidência para a discussão acerca da alimentação nas diversas áreas do Brasil e as diferenças entre uma vida alimentar nutritiva e outras menos, tendo sido os bandeirantes, bem como os africanos, o elemento com melhores hábitos alimentares que os demais, como fica claro no trecho a seguir:

O escravo negro no Brasil parece-nos ter sido, com todas as deficiências do seu regime alimentar, o elemento melhor nutrido em nossa sociedade patriarcal, e dele parece que numerosos descendentes conservaram bons hábitos alimentares, explicando-se em grande parte pelo fator dieta - repetimos - serem em geral de ascendência africana muitas das melhores expressões de vigor ou de beleza física em nosso país: as mulatas, as baianas, as crioulas [...] (Freyre, 2003, p. 53).

A partir desse trecho podemos perceber que além de elencar os hábitos alimentares dos africanos como o melhor dentre os outros grupos, Gilberto Freyre estabelece uma relação com a ideia de herança deixada aos descendentes, dessa forma, o trecho acima nos permite perceber a existência de uma relação entre Freyre e a teoria neolamarckiana.

Por meio dessa teoria neolamarckiana, juntamente com o pensamento de Franz Boas, assim como as ideias sanitárias internas ao Brasil que “[...] Gilberto Freyre foi capaz de conciliar a ideia de hereditariedade com a ideia de cultura e meio ambiente, o que lhe teria permitido relacionar, sem maiores complicações, as relações entre raça, meio ambiente e

cultura” (Souza, 2021, p. 44), tornando-se, de certa forma, um ponto de inflexão com as teorias tradicionais.

Franz Boas, mencionado anteriormente, é citado no prefácio da obra *Casa Grande & Senzala* como uma grande influência de Gilberto Freyre. Isso se deve especificamente ao fato de que:

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família (Freyre, 2003, p. 16).

Sendo assim, foi também devido à influência de ideias boasianas que Freyre construiu uma teoria sobre a mestiçagem brasileira, focando no aspecto cultural e não sob uma perspectiva meramente racial.

Renato Ortiz, no livro *Cultura brasileira & identidade nacional* (2003), aborda uma ideia semelhante à de Souza (2021). Nesse livro ele se dedica a discutir uma formação de identidade para o Brasil. Na obra, Ortiz trata inicialmente de três autores: Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues. O ponto para onde Ortiz caminha, no entanto, é a problemática de uma identidade brasileira, portanto, nesse momento, ele trabalha os autores citados para demonstrar como suas teorias já vinham dando um rumo para a formação de uma identidade para o Brasil, tendo em vista que:

Neste sentido, Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha podem ser tomados como produtores de um discurso paradigmático do período em que escrevem, têm ainda a vantagem de podermos considerá-lo como discurso científico, o que de uma certa forma esclarece as origens das ciências Sociais brasileira” (Ortiz, 2003, p. 14).

Dessa forma, quando Ortiz discorre sobre esses autores enquanto produtores de um discurso, podemos propor uma breve relação com as reflexões de Michel Foucault na obra *A ordem do discurso*.

Nessa obra, Foucault demonstra o perigo trazido pelos discursos, bem como sua metodologia de funcionamento, apontando para quatro características recorrentes que potencializam esses discursos: eles são controlados, selecionados, organizados e distribuídos. E apenas os discursos autorizados por uma “instituição” de poder podem chegar a uma

potencialidade maior. Para exemplificar essa ideia, propomos uma reflexão sobre o que Foucault aborda no trecho a seguir:

Mendel dizia a verdade, mas não estava "no verdadeiro" do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse "no verdadeiro" e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas (Foucault, 1996 p. 35).

Partindo desse trecho, podemos perceber que a ideia expressa por Michel Foucault é de que um discurso não pode ser dito em qualquer lugar/espço ou por qualquer um; o discurso deve seguir regras e só será validado se estiver de acordo com uma “verdade” institucional.

Partindo disso, retornando ao que Renato Ortiz discute sobre Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, nomeando-os como produtores de um discurso, a relação que buscamos fazer entre Foucault e esses intelectuais enquanto produtores de discurso, é que os discursos formulados pelos autores citados tiveram uma disseminação relevante no período em que foram produzidos. De acordo com uma análise sobre o trecho acima, a difusão de certos discursos e o poder que possivelmente são concedidos a esses, só é possível pela validação de instituições de poder, nesse caso, quando pensamos o momento em que o país vivia e a necessidade de construção de uma narrativa para se pensar o Brasil, percebemos que esses autores e suas enunciações foram legitimados.

Partindo disso, quando Renato Ortiz propõe que esses intelectuais são “produtores de um discurso paradigmático”, utilizando a ideia estabelecida anteriormente sobre a obra de Foucault, inferimos que existe uma intelectualidade/instituição que assume uma responsabilidade de construir uma ideia sobre determinado tema, no caso do Brasil, esses intelectuais foram responsáveis por pensar e formar uma ideia sobre o brasileiro/Brasil, considerando as características específicas do país.

Além disso, Ortiz aponta que o evolucionismo, o darwinismo social e o positivismo eram três teorias que influenciaram uma gama de intelectuais brasileiros que se propuseram a pensar algo propriamente nacional. Ou seja, reforça o rumo desse discurso produzido para definir o Brasil.

Em momento seguinte, Ortiz argumenta que “[...] o dilema dos intelectuais desta época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma identidade nacional” (Ortiz, 2003, p. 15), sob essa perspectiva, o que acontece é que as teorias ocidentais estudadas por intelectuais no Brasil não condiziam com os aspectos

particulares da realidade do país, portanto, assim como vimos a partir de Lilia Schwartz, essas ideias vindas do exterior deveriam ser processadas e utilizadas de forma singular, adequando-se às questões do país.

Ademais, a noção apresentada pelo autor é de que a teoria evolucionista oferecia aos intelectuais uma chave de leitura para compreender o problema social no contexto brasileiro, exigindo, porém, a consideração de duas características que poderiam singularizar o país: o meio e a raça. A articulação entre ideologias externas e essas duas dimensões constituiu grande parte dos discursos produzidos no Brasil, entre o final do século XIX e o século XX. Tratava-se, contudo, de mais uma forma de determinismo, distinguindo-se das teorias europeias apenas pela tentativa de localizar as singularidades nacionais.

Ortiz levanta outro ponto relevante ao tratar de Silvio Romero e Nina Rodrigues: a questão do negro. Na obra *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, o autor argumenta que, com a abolição da escravidão, a condição do negro se transformou, uma vez que esse momento marca a transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Após essa alteração no sistema socioeconômico, Ortiz aponta que o negro era mais um elemento de dinamismo social e econômico, que, a partir de então, deveria ocupar um espaço mais central nas reflexões dos “[...] produtores de cultura” (Ortiz, 2003, p. 19).

Posteriormente, Renato Ortiz passa a discutir, de forma mais direta, a questão da mestiçagem e sua relação com o nacional. No século XX, o autor esboçou uma mudança emergente nas discussões sobre a identidade brasileira. Tal transformação ocorreu no modo como o mestiço passou a ser percebido: anteriormente, sob a influência das teorias raciais dominantes no Brasil, ele era considerado um entrave à consolidação da nação. Nesse sentido, Ortiz retoma sua análise sobre Silvio Romero e introduz outros autores relevantes no debate sobre o mestiço como representante de uma forma de brasilidade. Entre esses autores, destacam-se Oliveira Viana e Gilberto Freyre.

Ademais, Renato Ortiz dedica atenção à década de 1930, apontando-a como um período de grande relevância em razão das mudanças ocorridas no cenário sociocultural e sobretudo no campo político. Nesse momento, Ortiz aborda alguns autores, bem como Gilberto Freyre. Renato Ortiz discorre sobre linhas intelectuais diferentes, como o que foi dito anteriormente com Souza. Nessa discussão, Ortiz estabelece uma distinção entre uma linha intelectual mais “moderna” e uma mais tradicional e em seguida pontua que Freyre

Representa continuidade, permanência de uma tradição, e não é por acaso que ele vai produzir seus escritos fora desta instituição “moderna” que é a universidade,

trabalhando numa organização que segue os moldes dos antigos Institutos Históricos e Geográficos. Não há ruptura entre Silvio Romero e Gilberto Freyre, mas reinterpretações da mesma problemática proposta pelos intelectuais do final do século (Ortiz, 2003, p. 40-41).

Apesar de representar uma continuidade com teóricos cujo pensamento era em sua maioria pautado nas teorias raciais, Freyre faz séries de “reedições” no quesito raça. Essas alterações propostas em suas pesquisas culminam posteriormente em um olhar positivo sobre o mestiço. A forma de entender o Brasil não foi mais tão voltada para “o meio e a raça”, como fora visto antes, Freyre se pauta nas ideias de Franz Boas, como também já colocamos anteriormente. Renato Ortiz acrescenta dizendo que a obra *Casa Grande & Senzala* é onde Gilberto Freyre “[...] transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada” (Ortiz, 2003, p. 41). Nesse sentido, Freyre se constituiu como um marco para a mudança de “paradigma” que foi importante para a consolidação de uma identidade brasileira, entretanto, ao mesmo ponto em que ele oferece uma alteração dessa ideia acerca do mestiço e uma identidade brasileira, Freyre não se desvencilha das teorias raciais; o que ele faz é partir de uma outra perspectiva: a cultural.

Na obra *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo apresenta os três grupos sociais de maior evidência na formação do Brasil, e não somente isso, ele aponta detalhadamente diversos aspectos de cada cultura que se fizeram importantes e constituíram a família brasileira e, conseqüentemente, o Brasil. Em certa forma, essa abordagem difere daquelas existentes até então, mas não quer dizer que ele esteja se distanciando totalmente com as noções anteriores, dado que existem algumas continuidades na forma com que se dirige ao negro. O que ele faz é, de fato, diferente, pois ele apresenta uma tese de que ao contrário daquilo que se pensa, a mistura entre “raças” não foi negativa, e que, na verdade, o Brasil só foi possível por meio desta, portanto, há uma espécie de celebração a esse aspecto de miscigenação.

Partindo disso, o foco deste trabalho, num primeiro momento, é apontar Gilberto Freyre enquanto um marco no tocante ao olhar sobre o mestiço, visto que, como vimos durante o curso deste tópico, ele rompe com a perspectiva negativista sobre a mestiçagem, embora também faça elogios à colonização portuguesa, atribuindo um olhar romantizado para esse processo, deixando de problematizar determinados aspectos seus, como as violências empreendidas pelo colonizador sobre aqueles dominados, tratando a questão colonial, dentre outros aspectos, sob um olhar sexual.

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora (Freyre, 2003, p. 35).

Como podemos notar, está explícito que, para Gilberto Freyre, os meios justificaram os fins, ou seja, se para a eficácia da colonização fosse necessário que os portugueses tivessem relações com indivíduos hierarquicamente abaixo deles, segundo as teorias raciais, esse sacrifício deveria ser tomado. Por outro lado, há uma outra análise possível dessa e de tantas outras colocações propostas por Gilberto Freyre. Quando o autor expressa que “foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor...”, a noção que ele denota é que essas relações íntimas entre colonizador e os povos indígenas, os povos africanos em outro momento, teria sido consentida. Essa ideia de relações estabelecidas a partir do desejo de ambos os grupos envolvidos faz com que se esqueça que muitas dessas relações aconteceram de forma forçada. No entanto, essa visão romântica concedida por Gilberto Freyre será abordada mais profundamente no próximo item deste escrito.

O que nos interessa dizer nesse momento, tendo em vista o que fora discutido anteriormente, é que, embora já houvesse discursos sobre o mestiço ser relevante para o Brasil, Gilberto Freyre traz uma perspectiva diferente e dominante, tornando a miscigenação um patrimônio do Brasil, o que o faz se tornar um autor revisitado no que se trata de abordagens sobre uma brasilidade.

Pensando justamente nesse “misturando-se gostosamente”, ou seja, nas relações sexuais, ele pauta a sua ideia sobre a formação do brasileiro, já que apenas assim teria sido possível a viabilidade do Europeu nos trópicos. Portanto, as obras de Freyre, essencialmente *Casa Grande & Senzala*, está imbricada com uma história da sexualidade.

3 A SEXUALIDADE NA OBRA DE GILBERTO FREYRE: DISCURSO, CORPO E IDENTIDADE

No capítulo anterior fizemos um breve apontamento teórico sobre as teorias raciais e Gilberto Freyre, enfatizando alguns aspectos da formulação de uma identidade nacional. A partir dessa discussão, abordamos uma questão singular em Freyre: o uso da sexualidade como elemento característico do Brasil. Nesse sentido, este capítulo apresenta uma análise acerca da sexualidade tematizada por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*.

A obra *Casa Grande & Senzala* foi selecionada devido à sua importância para o currículo do autor, bem como pelo seu impacto sociológico e historiográfico para a sociedade brasileira por causa da ênfase no estudo sobre a formação do Brasil, proporcionando uma alteração na visão acerca do país, especificamente no tocante à miscigenação. Dessa forma, a importância dessa obra está contida principalmente no impacto que ela proporcionou no que diz respeito a um sentimento de unidade nacional. Posteriormente, discorreremos um pouco sobre os capítulos da obra: “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”; “O indígena na formação da família brasileira”; “O colonizador português: antecedentes e predisposições e o escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”.

Anteriormente, abordamos a obra *Cultura brasileira e identidade nacional*. Agora, como forma de explicar a importância do livro de Gilberto Freyre, retornaremos a utilizar algumas pontuações observadas por Renato Ortiz. Segundo Ortiz, o sucesso de *Casa Grande & Senzala* se dá, para além do conteúdo da obra, também pelo que proporciona externamente: a “unicidade da identidade nacional” (Ortiz, 2003, p. 43). Considerando que esta pesquisa sucede em torno de pensar como a sexualidade se tornou um importante argumento para a identidade brasileira, a obra de Gilberto Freyre se encontra em seu cerne, visto que, como explanou Renato Ortiz, *Casa Grande & Senzala* foi uma proposta essencial para a promoção de uma unidade da nação.

Para tratar da obra Freyriana, utilizaremos análise de discurso, tendo como aporte teórico Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, bem como *história da sexualidade*, com intuito de compreender essa sexualidade e o seu uso na obra de Gilberto Freyre.

3.1 Discurso e poder: quando Freyre encontra Foucault

O que poderíamos encarar como discurso? Se nos apegarmos ao significado da palavra, veremos que o discurso seria apenas a ação de enunciação de frases, entretanto, o discurso, para esta pesquisa, não se configura enquanto uma prática de enunciação simples e ingênua, seria, em contrapartida, uma prática repleta de vontades e intenções. Dessa maneira, a noção de discurso sob a qual nos debruçaremos se encontra relacionada àquilo que Michel Foucault discorre em obras, como *A ordem do discurso*. O que pretendemos a partir disso é propor um diálogo mais profundo sobre Gilberto Freyre como um intelectual que detém um discurso socialmente autorizado, ou seja, um discurso que satisfaz determinadas exigências da vontade de verdade, do momento e do lugar em que está sendo produzido.

O que percebemos na obra de Michel Foucault é que existe uma gama de procedimentos impostos por uma cadeia institucional detentora da vontade de verdade; esse aparelho institucional precisa estudar, aprovar e enquadrar o discurso dentro de uma disciplina específica. Assim, notamos que, de fato, o discurso é, ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e distribuído (Foucault, 1996). É por meio dessa ideia que queremos propor uma indagação acerca de Gilberto Freyre e seu papel como produtor de um discurso autorizado de seu tempo. Nesse sentido, “Por mais que o discurso seja aparentemente pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” (Foucault, 1996, p. 10).

Foucault aborda na obra *A ordem do discurso* que “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1996, p. 9), ou seja, existe uma divisão sobre cada campo e o que pode ser dito sobre cada um desses campos, bem como quem pode falar sobre temas como a sexualidade e a política. Para além disso, Foucault aborda que “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 1996, p. 37), eligindo, assim, a existência de uma organização que controle quem pode falar sobre temas específicos.

Para além disso, Foucault também discorre sobre a sociedade do discurso, uma terceira extensão que está hierarquicamente acima do discurso e do sujeito. Para o autor, é essa sociedade que mantém, organiza e faz circular um discurso; ela faz com que certas práticas discursivas tenham locais específicos. Ademais, Foucault aborda um ponto particular que nos é valioso: a violência que o discurso promove para aquilo ou aqueles que se direciona (Foucault, 1996).

Esse último aspecto é importante à medida que nos propomos a pensar a figura de Gilberto Freyre enquanto produtor de um discurso aos modos de Foucault, ou seja, um discurso direcionado que tende a afetar aquele a quem se dirige. Diante dessa informação, entendemos que existe uma violência por trás dos discursos e, no sentido de Freyre, tal violência relaciona-se aos personagens de suas obras, principalmente àqueles que se encontram em lugar de vulnerabilidade no campo do poder, a população negra e indígena, principalmente as mulheres.

Partindo dessas exposições, devemos abordar, de forma clara, que Gilberto Freyre foi um autor de grande relevância para a sociologia, bem como para a História. Isso se dá por meio de sua contribuição no que tange o pensamento sobre o Brasil e a idealização de um futuro para o país.

Como vimos no capítulo anterior, durante o final do século XIX e por pelo menos metade do XX, houve um momento de efervescência nos debates sobre um futuro para o Brasil. Nesse momento, diversas foram as teorias desenvolvidas por intelectuais brasileiros. Muitas teorias tiveram certa relevância no período em que se inscreveram. Gilberto Freyre foi um dos nomes relevantes e, embora já atuasse na década de 1930, teve acesso às referências, como Silvio Romero, um intelectual que apresentava um olhar menos negativo sobre o mestiço, como fora mencionado em momento anterior mediante a obra de Lilia Schwarcz.

Com suas obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre propôs uma análise sobre a formação e organização do Brasil em momentos diferentes. Essas obras, principalmente a primeira, foram responsáveis por uma espécie de concretização de uma brasilidade (Ortiz, 2003). Nesse sentido, os discursos desse autor foram de extrema relevância e auxiliaram na construção de uma identidade brasileira. Por outro lado, os discursos de Freyre foram essenciais para um regime de violência simbólica com alguns grupos. Essa violência simbólica, dentro de uma perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu, está associada ao papel exercido pela classe dominante sobre quem se domina.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados» (Bourdieu, 1989, p. 11).

Portanto, ao apontar a existência de um regime de violência simbólica sobre determinados grupos, estamos pensando em uma violência ocasionada pelo exercício do poder

e, no sentido dessa pesquisa, esse poder trata-se daquele discutido em Foucault; o poder de uma ordem do discurso que impõe uma violência a quem se direciona. Assim, a violência simbólica discutida por Pierre Bourdieu corrobora, em nossa pesquisa, para uma concepção de que os discursos freyrianos estão nesse campo de poder que exercem uma função estruturante, visto que pertencem a uma classe dominante que se responsabiliza em nomear, classificar e julgar o que está ou não no campo do normal ou anormal, exercendo, dessa forma, um poder sobre aquilo ou aqueles. De outra forma, a prática de poder exercida mediante os discursos freyrianos só são possíveis devido à uma autorização institucional.

Quando Gilberto Freyre se dedica a pensar e escrever sobre a formação da sociedade e da família brasileira, destacando os principais agentes que contribuíram para isso, ele, ao mesmo tempo que coloca esses personagens em lugares muito específicos, estabelece um lugar de extrema relevância para as relações entre o colonizador e as mulheres nativas e africanas escravizadas. No entanto, ele faz isso ainda permanecendo com uma hierarquização, em que o colonizador se encontra em posição superior e de maior relevância. Ele propõe esse discurso, naturalizando as relações e deixando de lado uma problematização sobre como essas relações ocorreram; com base na violência. Essa violência física transcende e se torna violência simbólica a partir da naturalização no discurso Freyriano.

Essa violência simbólica está relacionada àquilo que Lélia Gonzalez aborda na obra *Por um feminismo afro-latino-americano*, quando discorre sobre os dois principais papéis encarregados às mulheres negras.

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. [...] Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira (Gonzalez, 2020, p. 36).

Portanto, o que percebemos é que as representações e os lugares sociais disponibilizados para as mulheres negras são, em sua maioria, objeto de desejo e mão de obra doméstica. Essa questão tratada por Lélia Gonzalez é importante pois demonstra como esses “novos” lugares sociais mantêm relação com antigas divisões sociais. Lélia Gonzalez, ao apresentar essas permanências estruturais, discute o papel de Freyre enquanto colaborador dessas perpetuações

por meio de suas propostas amenizadoras (Gonzales, 2020, p. 43), principalmente na obra *Casa Grande & Senzala*.

No entanto, apesar da influência de Gilberto Freyre na manutenção de determinadas denominações, assim como sobre uma espécie de divisão de papéis sociais, como os casos de mulata e doméstica, é importante pontuar que essa perpetuação não fora promovida diretamente e apenas por Gilberto Freyre, afinal, de acordo com Foucault, um discurso por si só não é capaz de formular algo tão estruturante e marcante. Para isso, é necessário uma constância e um conjunto de discursos. Visto isso, devemos tornar a ressaltar que Freyre não fora o único intelectual a pensar sobre os aspectos raciais e a naturalizar as relações do tipo estabelecidas no período colonial, entretanto, ele fora um dos mais marcantes. Um discurso que costuma ressurgir, ser ressignificado e continua sendo trabalhado.

O discurso controlado, organizado e distribuído de Freyre é um discurso que impõe uma violência a quem se direciona, portanto, consideremos, dentro dessa pesquisa, que Gilberto Freyre seja um produtor de discurso aceito; um discurso que auxilia na formulação de ideias estruturantes; ideias que perpetuam uma imagem de um objeto, nesse caso, uma imagem sobre a mulher negra.

A abordagem que Gilberto Freyre propõe em *Casa Grande & Senzala* é algo que se relacionou definitivamente bem com o contexto político e sociocultural do período, daí um dos motivos do autor e obra terem se tornado tão importantes.

Jessé Souza apresenta, em sua obra *Como o racismo criou o Brasil*, uma ideia geral sobre as premissas responsáveis por definir uma imagem sobre o país, dentro dessa perspectiva, ele discute a importância de Freyre, apontando-o como criador de um mito nacional.

O mito nacional, ou seja, a narrativa socialmente compartilhada que forja a “identidade nacional” comum, precisa ter algum aspecto positivo para poder fazer parte constitutiva da personalidade individual de cada membro da sociedade nacional. Sem isso, ela não se constrói. Ao mesmo tempo, não se constrói uma sociedade vibrante sem uma narrativa da identidade nacional positiva que possa produzir solidariedade social entre diferentes classes sociais e galvanizar todos em uma direção comum. (Souza, 2021, p. 141).

Tendo em vista o que fora colocado, abordamos a figura de Gilberto Freyre como um intelectual que possibilitou um olhar positivo sobre aquela narrativa que vinha se constituindo em relação ao mestiço, daí se tem um dos motivos de sua relevância enquanto discurso de um período. Um outro motivo de Freyre ter se constituído como um discurso autorizado está no vínculo entre a sua proposta teórica sobre a mestiçagem – o olhar positivo sobre a mestiçagem – e realidade política do período em que se inscreve, nesse caso, o momento histórico conhecido

como Era Vargas, regido por Getúlio Vargas que, dentre outros aspectos, se empenhou em estabelecer um sentimento identitário que pudesse promover uma unidade nacional. Além disso, há um outro fator que fez de Freyre um intelectual legitimado. Esse fator diz respeito a sua origem, pois Gilberto Freyre fora um herdeiro da casa grande, o que o colocava em lugar privilegiado não apenas socioeconomicamente, mas também o transformava em um legítimo representante para esses discursos.

Ademais, a década de 1930, período em que Freyre produziu a obra que utilizamos nesta pesquisa, *Casa Grande & Senzala*, coincide com a primeira década de governo de Getúlio Vargas. Com base nisso, a partir do que pontua Jessé Souza, podemos concluir que o segundo motivo para a importância de Freyre, em contraponto às ideias propostas em períodos anteriores, está na relação entre obra e contexto social, ou seja, na utilidade sociopolítica de seus discursos.

Podemos destacar, dentre algumas propostas anteriores, as de Silvio Romero, que declarava “[...] formamos um paiz mestiço ... somos mestiços se não no sangue ao menos na alma”, definia o crítico literário” [*sic*] (Schwarcz, 1993, p. 12). Essas propostas de Romero já partiam de um olhar menos pessimista sobre a noção de mestiçagem, embora não estivesse desvinculado de uma influência racialista do século XVIII. Dessa forma, mesmo tendo ideias próximas sobre a questão da mestiçagem, Gilberto Freyre e Silvio Romero se diferem devido ao fato de que

[...] como toda ideia individual, o “bom mestiço” tinha que se ligar a poderosos interesses econômicos, sociais ou políticos para se tornar uma ideia social compartilhada por todos. A revolução cultural que a publicação de Casa-Grande & Senzala provocou em 1933, sobretudo entre os artistas e pensadores brasileiros, já comprovava a necessidade social e objetiva de um resgate da autoestima nacional sentida por todos como tarefa urgente. Mas foi o uso das ideias de Freyre por Getúlio Vargas e sua propaganda que ajudou a disseminar a nova mensagem (Souza, 2021, p. 144).

Nesse sentido, houve uma forte relação entre interesses políticos, econômicos, sociais e as ideias propostas por Gilberto Freyre, o que potencializou a disseminação dos discursos Freyrianos. Em outras palavras, todo um aparelho institucional de poder responsável por uma vontade de verdade abordado no início do tópico esteve de acordo com o que fora estabelecido nas obras de Gilberto Freyre, visto que correspondiam diretamente a um objetivo desse aparelho, o fortalecimento do sentimento nacional. Para complementar essa discussão sobre o sociólogo Gilberto Freyre ter sido um produtor de discurso autorizado do período, temos como outro ponto central acerca desse autor, a questão da sexualidade.

Para abordar esse tema, continuaremos a discussão teórica também a partir de Michel Foucault, dessa vez com a obra *História da sexualidade*, especificamente o primeiro volume. Nessa obra, Foucault aborda inicialmente a ideia de que o sexo teria sido reprimido desde o início da modernidade. No entanto, o que Foucault mostra é que muito se falou sobre sexo durante o período, não para libertá-lo, mas para se estabelecer um poder disciplinar sobre ele. Havia, segundo uma análise de Foucault, um controle sobre quem poderia falar sobre o sexo e suas práticas e, assim como propomos anteriormente na discussão sobre a ordem do discurso, Gilberto Freyre está dentro desse dispositivo que nomeia e classifica. A ele é permitido falar sobre o sexo. Essa “permissão” que é concedida ao sociólogo brasileiro se dá tanto por ele ter sido validado por um aparelho sociopolítico quanto por sua origem.

Quando dizemos que determinados assuntos não podem ser falados por todos, estamos ressaltando que é necessário estar em um local de privilégios para que o que se fala possa ser validado, dessa forma, Gilberto Freyre se encaixa em ambos os critérios, pois ele tem apoio institucional, em certa medida, por fazer parte de uma elite letrada, uma elite intelectual.

Partindo desses “lugares de fala”, Freyre, ao estabelecer que o mestiço é positivo no contexto brasileiro, enquanto um produtor de discurso chancelado, impõe sobre o brasileiro uma categorização específica que somente o discurso teria sido capaz de construir. Dessa forma, ao formular uma noção de Brasil que fora aceita, seu discurso acaba controlando os lugares de cada um indivíduo nessa sociedade.

Nesse sentido, seguindo o que Foucault estabelece na obra *História da sexualidade*, a sexualidade em si não é natural, ela é construída mediante um dispositivo discursivo e, além disso, como vimos durante a discussão a partir de *A ordem do discurso*, essa prática discursiva não é ingênua, ela não é meramente posta, ela é na verdade pensada sob propósitos específicos que visam alcançar indivíduos específicos.

Portanto, ao pensarmos no que Foucault esboça ainda em *História da sexualidade* sobre práticas normais e anormais, o que temos é que as práticas consideradas “normais” seriam aquelas positivadas pelas formas dominantes do pensamento ocidental. Sendo assim, na formação do Brasil, as relações sexuais, via de regra, não pertenciam ao padrão normal, visto que foram relações estabelecidas entre diferentes grupos étnicos (mestiçagem). E essa ilegitimidade teria sido o ponto principal para os intelectuais que se propuseram a pensar a viabilidade do povo brasileiro sob o espectro da negatividade. Mas Freyre, ao positivar essa mestiçagem estrutural, dá um sentido de “normalidade” à formação do Brasil.

3.2 O contexto ao texto: uma casa grande revisitada

A obra *Casa Grande & Senzala*, do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, foi lançada originalmente em 1933. O livro destacado apresenta uma série de apontamentos sobre o Brasil Colonial, as relações interpessoais entre os indivíduos fundantes do país; contribuições na alimentação e o início da família brasileira. O livro é dividido em cinco partes, cada uma dedicada a falar especificamente sobre cada grupo étnico e suas influências sobre o que viria a se constituir como cultura brasileira.

No primeiro capítulo chamado “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”, Gilberto Freyre aborda, de forma mais geral, as influências antecedentes dos colonizadores portugueses, tratando, daquilo que ele havia chamado de indecisão entre África e Europa (Freyre, 2003, p.147). Segundo Freyre, essa indecisão estaria relacionada à influência dos mouros sobre os portugueses. Dessa forma, essa influência se constituiria enquanto crucial para a consolidação e êxito da colonização do Brasil, visto que,

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo (Freyre, 2003, p. 33).

O trecho acima demonstra a existência de uma ideia um tanto estereotipada sobre o mouro, nesse caso, sobre África. Importante perceber também que as características elencadas como influências africanas implicam em uma ideia de amolecimento de uma rígida prática institucional europeia, o que nos possibilita propor uma breve articulação crítica entre *Casa Grande & Senzala* e o livro *Orientalismo*, de Edward Said.

Na obra, Edward Said propõe uma discussão sobre a noção de orientalismo e como isso está relacionado a uma criação proposta pelo ocidente. Nesse sentido, essa estruturação de uma ideia sobre o outro contém uma ligação com relações de poder, pois, como é demonstrado por Said, havia uma denominação/classificação do outro – os “orientais”. Essa classificação do outro enquanto o diferente do ocidente, como podemos ver no trecho que segue: “O oriental é irracional, depravado, infantil, ‘diferente’; o europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’”

(Said, 2007, p. 58), está sob função de uma prática discursiva interessada na ordenação; classificação de grupos em prol de uma hierarquização.

Partindo disso, em conformidade com o que fora estabelecido no trecho de Gilberto Freyre, podemos perceber a pré existência de uma ideia sobre o outro; a África. Essa noção que se tem sobre uma África e sobre o “Oriente” estão envoltas em um grande misticismo e exotismo. Essa generalização de uma cultura/sociedade está empregada enquanto uma das formas de classificação para a dominação, dessa maneira, a obra de Said está interessada em mostrar que o que se entende sobre o Oriente é, na verdade, uma construção empregada a propósito de uma hierarquização que promove a dominação de um povo por outro. Dessa maneira, podemos dizer que a obra de Gilberto Freyre participa dessa sociedade preocupada em uma perpetuação dessa hierarquização.

Dessa maneira, a primeira parte do livro é dedicada a uma abordagem das principais características que influenciaram em uma singular sociedade brasileira, “uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”.

No segundo capítulo, “O indígena na formação da família brasileira”, assim como expressa o título, o autor se dispõe a falar sobre a participação do indígena na formulação sociocultural do Brasil. Dentro dessa abordagem, ele discorre sobre as primeiras relações entre colonizador e nativos, abordando a importância do indígena na alimentação, mas principalmente na importância da mulher indígena.

A escassez de capital homem, supriram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado (Freyre, 2003, p. 35).

De acordo com o trecho exposto acima, entende-se que as relações entre os “vencedores e vencidos”, como Freyre apresenta, era algo estratégico, de certa forma natural e tornando-se naturalizado com o tempo. Na leitura de *Casa Grande & Senzala* percebemos que o autor destaca a falta de mulheres portuguesas como uma das motivações para o cruzamento entre os colonos e as nativas. Ao fazer esses apontamentos o autor torna essa prática indissociável à colonização e, portanto, deixa explícito a importância das mulheres indígenas e africanas/negras nascidas na colônia para a formação não apenas da família, como simultaneamente do próprio país. Dessa forma, não seria possível pensar em uma identidade brasileira sem passar por essas relações sexuais. Em contrapartida, além desse caráter positivo acerca do pensamento sobre as

mulheres negras e indígenas, concedido por Freyre, também nos atemos ao outro sentido que essas propostas inferem sobre essas mulheres.

Em momento antecedente, propomos uma breve discussão sobre o discurso e sua função e, dentre alguns pontos importantes apontados, está o de que o discurso tem alvos específicos; eles podem e formulam uma ideia sobre algo ou alguém. É por meio dessa perspectiva que iniciaremos a análise de como Gilberto Freyre aborda as mulheres negras e indígenas na obra *Casa Grande & Senzala*.

Como abordamos acerca do primeiro capítulo de *Casa Grande & Senzala*, Freyre adentra em uma discussão sobre características antecedentes dos portugueses, falando sobre uma indefinição entre Europa e África, devido à sua influência pelos mouros, no entanto, ele também fala sobre uma relação e trocas entre ambas as culturas. Nesse ínterim, ele levanta um ponto relevante para a nossa discussão acerca da figura da mulher indígena.

O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual - sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas - que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos “caraíbas” gulosos de mulher (Freyre, 2003, p. 35).

Assim, Freyre estabelece que para os portugueses existia uma relação entre as mulheres indígenas do Brasil e as mouras. O que nos interessa, no entanto, não é o simples fato da noção de relação e similaridade em si, mas o que as faziam serem parecidas. Freyre escolhe definir a moura como “o tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual”, a indígena brasileira era semelhante e “tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez”, ou seja, ambas eram mulheres que direta ou indiretamente estavam envoltas de uma visão sexual.

Seguindo essa noção contida nas proposições feitas pelo autor, retornamos à existência também de uma ideia pré-formada de que os povos nativos seriam ingênuos e fáceis de conquistar, deixando de lado todo um processo colonial cruel, bem como os processos de luta e resistência de grupos indígenas contra os colonizadores. Por conseguinte, analisando sob um outro viés, temos uma outra problemática. Quando Freyre diz que “Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos “caraíbas”

gulosos de mulher”, ele corrobora principalmente para a noção da mulher indígena permissiva, mascarando um grande problema, as relações forçadas as quais os colonizadores às submetiam.

Nesse sentido, ao apontar que “[...] o aproveitamento da gente nativa, principalmente da mulher, não só como instrumento de trabalho mas como elemento de formação da família”, Freyre concede explicitamente o sentido da importância da mulher nativa. Sendo esta, dona de um papel específico, suprir o déficit populacional português por meio das relações sexuais, fazendo com que ocorresse a mistura entre grupos étnicos distintos; mistura essa que é definida por Freyre como essencial para o sucesso obtido pelos portugueses na colonização do Brasil.

Segundo o autor, em meados do século XVII, o estabelecimento de relações entre colonos e indígenas não se dava apenas pela escassez de mulheres brancas, mas sim por uma preferência dos homens por essas mulheres (Freyre, 2003). Além disso, ao discorrer que “Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos ‘caraíbas’ gulosos de mulher”, o autor permanece apontando para um caráter libidinoso e atirado da indígena.

Ademais, Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, levanta apontamentos que demonstram a importância da mulher indígena para a estruturação de um Brasil.

À mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira. [...] Ela nos deu ainda a rede em que se embalaria o sono ou a volúpia do brasileiro; o óleo de coco para o cabelo das mulheres; um grupo de animais domésticos amansados pelas suas mãos (Freyre, 2003, 81).

Dessa forma, partindo desse trecho, percebemos que a mulher nativa brasileira fora lugar de construção de uma população brasileira. A sua cultura influenciou no que hoje temos como Brasil, mas, acima de tudo, seu corpo teria sido o “lugar” que proporcionou o desenvolvimento populacional, bem como as características dessa população brasileira.

No terceiro capítulo, “O colonizador português: antecedentes e predisposições”, o autor volta a dar um foco maior ao papel do europeu colonizador. Ele reserva essa parte da obra para fazer, entre outras coisas, um elogio ao português, discorrendo sobre religião, política e principalmente sobre os interesses singulares dos portugueses que foram mais do que essenciais para a formação da família e conseqüentemente do próprio Brasil, como veremos a seguir:

O escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos. É verdade que, em

grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia européia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu [*sic*] (Freyre, 2003, p. 140).

A partir desse trecho, percebemos que, embora houvesse uma ideia sobre o regime colonial estabelecido por Portugal ao território brasileiro ter sido mais comedido que outros regimes e que o contato entre o europeu e a nativa e/ou mulher negra tivesse ocorrido pela escassez de mulheres europeias, há um contraponto que demonstra que na verdade as relações expostas por Freyre como “contato voluptuoso com mulher exótica”, está mais ligada a uma “predisposição” e uma predileção pelas relações exóticas, do que somente por falta de mulheres brancas. Isso implica a nós estabelecermos a noção de que para Gilberto Freyre teria sido inviável falar sobre esse regime colonial sem estabelecer uma relação com a sexualidade, devido ao fato de que o regime colonial, bem como um futuro dessa colônia, estivera pautado nas interações sexuais, portando, seria também inviável pensar em uma identidade sem passar pelo aspecto sexual, visto que foi por meio desse aspecto, a formação populacional e mesmo sociocultural fora possível. Dessa forma, por ser uma característica mais do que necessária, acabou tornando-se central na identidade do brasileiro.

Ainda no que diz respeito a esse capítulo, Freyre aborda antecedentes como as expedições em regiões da África para demonstrar a experiência dos colonizadores sobre questões como o plantio do açúcar, o uso da mão de obra escrava africana, bem como sobre a forma de governo, o regime aristocrático.

Por conseguinte, os próximos dois capítulos representam um maior interesse para esta pesquisa, principalmente porque abordam um caráter central para nós, a questão sobre as relações sexuais, essencialmente no tocante as mulheres negras, visto que essas personagens são objeto de extrema importância para esta pesquisa. Essa centralidade se dá devido ao fato de serem as pessoas negras, mais do que os indígenas, elementos “renegados” e negativados por uma intelectualidade influenciada pelas teorias raciais. A mesma intelectualidade que fora responsável por pensar em uma viabilização da nação brasileira e que por muito tempo viu na influência africana no Brasil o obstáculo para o progresso.

No início dos capítulos referente ao escravo negro na vida sexual e de família, o autor vai apresentando outras teses e autores com fim de demonstrar as características positivas que a integração do negro lançou sobre a formação do Brasil.

Iniciaremos a abordagem desses capítulos, analisando a forma com o autor optou por denominar o título; “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”, dessa forma, assim como diz o título, o aspecto sexual seria mais percebido nesse capítulo, ou seja, nessas relações entre o colonizador e as mulheres negras do que nos povos indígenas. Partindo dessa abordagem, Gilberto Freyre inicia demonstrando que por ter sido melhor que a mulher indígena no que diz respeito aos serviços domésticos, as mulheres negras/mulatas foram, muitas vezes, aquelas que iniciaram os meninos do engenho no amor físico encaminhando para uma ideia da predileção dos meninos/homens de engenho por essas mulheres específicas.

Sob essa perspectiva, ele diz que tal predileção pode ser justificada pelo fato de que o menino sempre esteve “rodeado de negra ou mulata fácil” (Freyre, 2003, p. 192). Essa colocação nos faz retornar a uma questão recorrente na obra de Freyre: ao mesmo tempo em que ele aparece na história como um autor que possibilitou, de certa forma, um sentimento de unidade para o povo brasileiro após “descaracterizar” o negro de uma visão pessimista – visão percebida em algumas das teorias raciais que pontuamos a partir da obra *O espetáculo das raças*, de Lilia Schwartz –, ele também contribuiu para a hierarquização dos grupos sociais que constituíram o país – brancos, negros e indígenas –, corroborando para a formação de identidades singulares de cada grupo étnico destacado acima.

Por conseguinte, se nos apegarmos ao ponto de vista das teorias raciais, o que Gilberto Freyre faz é apontar as características singulares de cada grupo que foram responsáveis pela formação da sociedade brasileira, e, nesse sentido, ele estabelece um regime de posituação dessas características, o que acaba por possibilitar a unidade sociocultural brasileira, como vimos em Renato Ortiz e Jessé Souza.

Partindo do fato de que Gilberto Freyre se dedica a apontar características diversas dos três principais grupos essenciais na formação do Brasil, devemos destacar que, embora ele coloque as relações sexuais em um lugar de destaque, visto que seriam as relações socioafetivas e sexuais que possibilitaram uma mistura cultural, ele não se limita apenas a isso, destacando outros traços, como a alimentação, que se constituía como um elemento essencial para a adaptação ao contexto territorial do Brasil. Nesse sentido, Freyre destaca que

Devendo-se acrescentar que vários dos mais característicos valores nutritivos dos negros - pelo menos os vegetais - acompanharam-nos à América, concorrendo para o processo como que de africanização aqui sofrido por brancos e indígenas; e amaciando para os africanos os efeitos perturbadores da transplantação (Freyre, 2003, p. 194).

Dessa maneira, teria sido os hábitos alimentares dos africanos não apenas uma das principais contribuições advindas das pessoas negras, mas também uma cultura essencial para o desenvolvimento sociocultural devido ao valor nutritivo, principalmente comparado a outras culturas, como os portugueses, que tiveram que passar por uma grande adaptação.

Ademais, entraremos em uma questão estabelecida acima, as relações afetivas sexuais entre os distintos grupos. Como bem expressa Gilberto Freyre no capítulo “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”, as mulheres negras, enquanto amas de leite, teriam, de certa forma, um lugar afetivo para os filhos dos senhores de engenho; e muito do que o filho do senhor aprendeu a gostar, estava relacionado ao que a sua ama africana lhe ensinou, a comida feita por ela e, inclusive, o desejo sexual. Devemos enfatizar, no entanto, que não propomos essa colocação como forma de amenizar as relações agressivas, hierárquicas e principalmente desumanas as quais os escravizados, fosse aquele destinado a lavoura ou aos serviços domésticos, estiveram sob domínio. Fazemos isso como forma de mostrar que essas relações, minimamente “afetivas”, foram importantes para o que viria se tornar Brasil.

Por conseguinte, o que conseguimos retirar daquilo que Freyre propõe em suas análises é que todas as suas observações servem para algo que já enunciávamos anteriormente: justificar e tornar positiva a mestiçagem. Isso porque todas essas características lidas pelo autor como essenciais para que a população brasileira viesse a “dar certo” estão em torno de uma questão específica, as interações interpessoais entre os grupos distintos, inclusive as relações sexuais. Portanto, percebemos que há uma tentativa de Freyre em propor uma “normalização” das relações sexuais “não normais”, relações que fugiam aos padrões ocidentais quistos pelos teóricos raciais, vistos no primeiro item deste trabalho. Nesse sentido, Gilberto Freyre se apropria de teorias como o neolamarckismo, o que mostra que ele não se desfaz completamente do pensamento raciológico que vimos no momento inicial deste trabalho, na verdade, ele faz aquilo que Lilia Schwarcz abordou, em *O espetáculo das raças*: o uso das teorias estrangeiras ao modo brasileiro. É partindo dessa perspectiva também que a sexualidade vai se tornando algo identitário do brasileiro.

Freyre destaca ainda a interferência do clima sobre uma moral sexual.

A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um don-juan não vem do contágio ou do sangue da “raça inferior” mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco, talvez, do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente (Freyre, 2003, p. 209).

Dessa forma, o clima, apesar de não ter sido destacado como o fator principal no que diz respeito à identidade brasileira, ainda aparece enquanto aspecto influente, essencialmente no que se trata da vida sexual no Brasil. Mas, sobretudo nos interessa a perspectiva de Freyre sobre o sistema econômico e social, ou seja, o sistema escravocrata, agrário e híbrido sob o qual se dedica um pouco em cada capítulo. Dessa forma, a “voluptuosidade” está, para o autor, ligada à essa estrutura singular construída nesse país.

A partir disso, Gilberto Freyre lança uma discussão sobre o fato de que não fora o africano o elemento de maior voluptura e potência sexual que, na verdade, esses indivíduos necessitavam de uma estimulação maior, eram necessárias danças, e ritos para que sentissem uma excitação sexual. Sob essa perspectiva, ele diz que não o africano, mas o escravo teria tido maior influência nessa sexualidade, ou seja, somente a partir da corrupção sofrida pelo indivíduo africano, ao se tornar escravizado, este sujeito teria tido uma maior influência sexual sobre o brasileiro. Sendo assim, fora o contato entre o colonizador e o colonizado o responsável pela corrupção do africano; teria sido essa relação o motivo de uma visão sexualizada sobre o negro. Desse modo, o Brasil como conhecemos teria sido construído, ou seja, algo novo. Isso se deve ao intercâmbio de culturas, principalmente pela “corrupção” delas, o que resultou em uma cultura totalmente distinta. Assim, devemos enfatizar que para que isso fosse possível, os intercursos sexuais foram o fator principal, tornando-se característica indissociável da identidade brasileira. Daí não ter sido possível para Freyre, pensar todo esse processo sem dar destaque a essas relações.

Contudo, quando propomos que há uma relação entre a identidade do Brasil e a sexualidade, nos filiando ao conceito de sexualidade tratado por Michel Foucault, estamos pensando na relação de poder por trás desse conceito. Haja visto que esse tema está dentro daqueles assuntos que não podem ser falados em qualquer momento e por todos, como abordamos no início desse tópico, nosso apontamento principal é que Gilberto Freyre se apropria desse tema para pensar o Brasil de forma a tornar esse conceito “natural” ao brasileiro, portanto, temos aqui um exercício do poder do discurso, aquele que visa controlar, organizar e, nesse caso, formular.

3.3 A patrimonialização de uma sexualidade (a) normal

A obra *Casa Grande & Senzala* parece para nós, em primeiro momento, apenas como uma obra onde o autor promove um olhar de posituação da formação brasileira: a mestiçagem.

No entanto, há mais do que apenas a promoção de um olhar positivo que contrariava outras perspectivas intelectuais.

em momento anterior, já discutimos a intenção de normalização das relações ilegítimas da formação do Brasil, mas não abordamos de forma mais analítica como Gilberto Freyre a faz, portanto, esse é um dos pontos destaques neste momento. Além disso, aprofundamos, a partir daqui, uma análise sobre as relações interpessoais abordadas por Freyre e sua conexão com a história da sexualidade.

A primeiro momento, devemos propor uma reflexão crítica sobre esse vínculo entre *Casa Grande & Senzala* e a sexualidade, para isso, seguiremos nos alçando na análise foucaultiana em *História da sexualidade*. Dessa forma, devemos iniciar com a seguinte questão: Na obra em questão, Foucault exprime a relação entre discurso e controle, pois, como já fora comentado em momento anterior, contrariando o que se acreditava sobre a existência de um controle que silenciava os discursos sobre a sexualidade, o que se tinha, na verdade, era uma maior proliferação desses discursos, o que não significa que não havia controle. É com essa relação entre discurso e controle que estamos particularmente interessados neste momento, haja visto que Gilberto Freyre pertence ao que chamamos antes de intelectuais autorizados inseridos em uma ordem do discurso e, por isso, está em uma posição de privilégio nesse lugar de controle, que o permite se apropriar do discurso sobre a sexualidade brasileira, formulando, dessa forma, uma realidade normalizada.

Para chegar a esse ponto, devemos antes elencar aqui alguns pontos específicos levantados por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, relacionado a essa sexualidade, que, como o próprio autor aponta: “Da cultura moral dos primitivos habitantes do Brasil, interessa nos principalmente, dentro dos limites que nos impusemos neste ensaio: as relações sexuais e de família; a magia e a mítica” (Freyre, 2003, p. 83), ou seja, há um elevado nível de importância desses tipos de relações nessa obra em específico.

No início da obra, Freyre discorre sobre os indígenas e aborda a dificuldade que os padres, ao virem para o Brasil, tiveram em relação ao controle da vida sexual dos indígenas, que não tinham hábitos como a monogamia, o que já demonstra a não “normalidade” ou legitimidade, além de corroborar para a ideia presente na obra de Foucault sobre a vontade de controlar. Assim, o anormal, nesse caso as relações incontroladas dos indígenas, deveriam ser controladas e, para isso, existiam as instituições religiosas.

Ele se utiliza de depoimentos descritivos sobre as práticas incestuosas dos indígenas, como o que veremos a seguir.

Gabriel Soares refere o rude processo dos Tupinambá fazerem aumentar de volume o membrum virile, concluindo daí que eles fossem uns grandes libidinosos. Insatisfeitos “com o membro genital como a natureza o formou”, conta o cronista do século XVI que os Tupinambá punham-lhe “o pello de um bicho tão peçonhento, que lh’o faz logo inchar, com o que se tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer [...]” [sic] (Freyre, 2003, p. 85).

Esses relatos propõem a existência de práticas distintas entre o ocidente e o novo mundo, além de demonstrarem as reações dos estrangeiros; reações que geraram uma série de percepções sobre o Brasil. Mas, além disso, o que podemos entender, por meio dessas exposições, é algo que Foucault discute em *História da sexualidade*, quando diz que:

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (Foucault, 1999, p. 25).

Assim, essas exposições de práticas específicas que são feitas por Freyre não são propostas de forma ingênua, na verdade, elas estão dentro desse processo de propagação do discurso sobre o sexo e estão no campo do controle e poder. É necessário que seja falado para que assim haja o controle sobre o que está sendo falado, ou seja, há uma manipulação do que é em sua forma primária e que não é aceito como tal, até que se torne algo positivo, aceito, normalizado.

Dentro dessa lógica de transformação de determinado aspecto, como a mestiçagem no Brasil, pensemos no que Michel de Certeau pontua na obra *A cultura no Plural* (Certeau, 1995), especificamente no capítulo “A beleza do morto”. Iniciemos pelo significado da palavra “morte”, apresentado no título do capítulo, que nada mais é do que a morte em si, mas uma morte simbólica; o ato de matar algo em sua forma primordial. Esse processo de morte descrito por Certeau, na obra em questão, ocorre como uma poda de uma árvore: naturalmente ela tem um formato específico, no entanto, os galhos podem crescer demais e atrapalhar alguma funcionalidade da sociedade, nesse momento é necessário que haja um processo de poda para eliminar o que atrapalha e dar um novo formato àquela árvore. Nesse processo, abordado por Michel de Certeau, a árvore seria a cultura popular do século XVIII, uma cultura que precisou ser “[...] censurada para ser estudada. Tornou-se então um objeto de interesse porque seu perigo foi eliminado” (Certeau, 1995, p. 55). Portanto, somente após ser destituída de um perigo,

aquela cultura popular pode ser celebrada. De forma semelhante, a miscigenação só passou a ser exaltada após a intervenção de Gilberto Freyre, assim, o autor teria sido o responsável pela poda necessária para a transformação desse aspecto.

Para além dessa questão apresentada na obra de Certeau, temos outros aspectos interessantes que corroboram com outras ideias já apresentadas nesse escrito, bem como: “[...] os estudos desde então consagrados a essa literatura tornaram-se pelo gesto que a retira do povo e a reserva aos letrados ou aos amadores” (Certeau, 1995, p. 56), dessa maneira, há um controle, “[...] o saber permanece ligado a um poder que o autoriza” (Certeau, 1995, p. 58). Essas perspectivas apontadas pelo autor são semelhantes às ideias vistas nos estudos sobre a sexualidade, de Michel Foucault, visto que ambos apresentam essa perspectiva de controle/poder sobre determinado aspecto, ambos propõem a existência de uma autorização.

Quando Certeau expõe a noção de que determinados aspectos são retirados do povo e realocados para grupos hierarquicamente postos enquanto superiores, podemos associar ao que ocorre com a sexualidade e Gilberto Freyre. Essa sexualidade em formato de miscigenação que entre o final do século XVIII e início do XIX era percebida enquanto a causadora dos males da sociedade brasileira e que, principalmente por meio da apropriação feita por Gilberto Freyre, pode ser vista enquanto algo positivo.

Ainda no que se trata da obra de Gilberto Freyre, podemos destacar pontos específicos para detalhar a análise pretendida, bem como o trecho a seguir:

Além do que, como já ficou dito, os selvagens sentem necessidade de práticas saturnais ou orgiásticas para compensarem-se, pelo erotismo indireto, da dificuldade de atingirem a seco, sem o óleo afrodisíaco que é o suor das danças lascivas, ao estado de excitação e intumescência tão facilmente conseguido pelos civilizados (Freyre, 2003, p. 85).

A partir do trecho acima, notamos que há uma proposição de que existe uma maior facilidade de excitação no europeu que no indígena, tornando o primeiro grupo o legítimo para essas relações. Essa legitimidade é, sem dúvida, uma característica de extrema relevância para esta pesquisa, pois um dos pontos essenciais para este trabalho é demonstrar como toda essa posituação abordada por Freyre está intrinsecamente ligada ao papel do homem branco, que a legitimação da nação brasileira, apesar do que está sendo posta de forma aberta na obra de Freyre, não está ligada essencialmente a miscigenação, mas sim ao papel do homem branco.

Dessa forma, podemos propor que não há uma mera normalização/posituação da miscigenação, há, na verdade, por trás disso, um exercício de poder que visa promover um

controle mediante a apropriação de uma existência, que, nesse caso, seriam as práticas interpessoais que formularam um Brasil. Essa apropriação feita por Gilberto Freyre proporciona a ideia de que a sexualidade e a liberdade de exercer as práticas sexuais pertencem a esse homem branco.

Freyre também cita questões relacionadas às relações homossexuais, tanto relações envolvendo grupos indígenas quanto homens brancos. O que difere entre as relações dos dois grupos são as formas como foram tratadas.

Segundo o que Freyre nos demonstra, as relações homoafetivas entre indígenas, quando descobertas, seriam uma ocupação ao santo ofício e ao julgamento (Freyre, 2003), já aos homens brancos, o que ocorria era segregação das mulheres, sendo condicionados em casas secretas para homens, ensinados no sentimento de superioridade sobre a mulher e proximidade com os homens. “As afinidades que se exaltavam eram as fraternas, de homem para homem; as de afeto viril. Do que resultava ambiente propício à homossexualidade” (Freyre, 2003, p. 103), o que corrobora a ideia anterior: há uma hierarquização das práticas sexuais em favorecimento do homem branco.

As abordagens feitas por Gilberto Freyre acerca da vida sexual entre brancos e negras expressam uma caracterização próxima e existente entre os brancos e indígenas, diferem apenas na intensidade e na significância, de acordo com a obra, bem como destacamos em momento anterior.

A partir de alguns trechos da obra de Gilberto Freyre, conseguimos visualizar a predileção, destacada no início desse tópico, do homem branco sobre a mulher negra. Um dos trechos mais interessantes sobre essa relação é:

Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Móbidos, por tanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro (Freyre, 2003, p. 192).

Nesse trecho está explícito a ideia de fixação do branco sobre o corpo e relações sexuais praticadas com mulheres negras. A ideia de incapacidade do senhor/menino de engenho em chegar ao orgasmo com sua esposa branca e a necessidade de sentir a presença da “essência” da mulher negra está não apenas no campo da descrição de uma predileção, mas também como

um indicador de hierarquização de corpos de desejo. Essa hierarquização pertence a uma superestrutura criada pela colonialidade; processo abordado por Frantz Fanon na obra *Pele negra máscaras brancas*. Nessa obra, Fanon, pensando sob uma perspectiva mais psicanalista expõe como a colonialidade criou um significado para o ser negro e como esse significado permeia todas as vivências dos indivíduos lidos socialmente enquanto negros.

Essa perspectiva de Fanon é interessante para nossa pesquisa à medida que se dedica a falar de uma forma problematizadora e aprofundada sobre algo que Gilberto Freyre faz entrelinhas e de forma mais romântica, embora de forma preocupada também. Por mais que aparentemente ele não estivesse empenhado em expor o problema do processo de miscigenação que ocorreu no Brasil, a preocupação de Freyre estava voltada para uma outra questão: Como tornar essa miscigenação negativa em algo indissociável da identidade brasileira?

Dessa maneira, sua preocupação era naturalizar as relações ilegítimas em algo que, após sua intervenção, pudessem se tornar “legítimos”, tornando possível o que chamamos de patrimonialização das práticas sexuais e, como pontuamos antes, essa patrimonialização não está posta de qualquer forma, mas sim em favor do homem branco, da aristocracia. Ela só funciona quando o protagonismo pertence ao personagem masculino. Se pertencer a outro, as práticas serão estigmatizadas negativamente.

Michel Foucault, em *História da sexualidade*, apresenta o fato de que uma das “[...] novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da ‘população’” (Foucault, 1999, p. 20), e uma das preocupações e objeto de controle era o sexo. Corroborando com isso, Foucault também aborda a “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”, dessa maneira, devemos propor que o que Freyre faz está inserido no campo desses discursos úteis, pois visa uma regulação do sexo. Isso se dá principalmente se pensarmos que “regular” está no sentido de regularizar, ou seja, submeter algo a uma série de regras; normalizar algo – o sexo. Assim sendo, quando pensamos em Gilberto Freyre e o discurso sobre a miscigenação e imposição de uma visão positiva às relações sexuais entre o colonizador, mulheres indígenas e negras, o que ele está fazendo, de forma simbólica, é o enquadramento dessas relações em um regimento específico para que assim se tornem relações “normativas”.

Devemos destacar outra vez que, essa transformação nas relações ilegítimas que as tornam em características naturais e posteriormente objeto de exaltação da identidade brasileira só fora possível devido à participação do homem branco, visto que, o que torna essas relações válidas e aceitas é o exercício da hierarquização de todas essas práticas sexuais em favor desse

homem branco, significa, dessa forma, que a normalização de práticas é possível se o sujeito que a praticar cumprir certos requisitos.

Se pensarmos no que Foucault aborda em *A ordem do discurso*, percebemos que existem regras para a validação de um discurso. Nem todos podem falar sobre tudo e em todos os lugares que desejarem, portanto, existem lugares e indivíduos autorizados para isso. Da mesma forma, ocorre no que diz respeito à normalização de práticas, dessa maneira, como tornar algo negativo em algo positivo? Apropriar-se e tornar o homem branco o sujeito principal.

4 UM BACANAL DISCIPLINADO: QUANDO FREYRE INTERDITA CARELLA

No tópico anterior discutimos sobre a sexualidade em Gilberto Freyre, bem como a sua relação com uma ordem discursiva autorizada. Nesse tópico, daremos continuidade a essa discussão, no entanto, faremos isso a partir da obra *Orgia: Diários de Tulio Carella*, uma obra que tem como principal foco divulgar as vivências pessoais do argentino Tulio Carella, vindo ao Brasil para dar aulas em uma escola de teatro no Recife. A escolha dessa obra está relacionada ao propósito de tentar confirmar aquilo que vimos em *História da sexualidade*, onde Foucault discorre sobre as regras do discurso e como não é possível que todos falem sobre o que quiserem, quando e onde quiserem, há sempre um espaço e tempo definidos para que determinado assunto possa ser discutido.

Anteriormente, abordamos a ideia de que houve uma autorização daquilo que Gilberto Freyre se propôs e, nesse momento, a partir da obra estilo confessional de Tulio Carella, pretendemos mostrar que, assim como existem discursos autorizados, também existem discursos inviabilizados, escanteados, não autorizados. Partindo dessa premissa, quando apontamos que um discurso é autorizado, queremos dizer que esse discurso se adequa às regras institucionalizadas. Dessa forma, essa prática discursiva se configura como um discurso autorizado, pois obteve uma espécie de chancela de um dispositivo detentor da vontade de verdade.

Tulio Carella, argentino, era, entre outras coisas, um dramaturgo e literato, veio ao Brasil em março de 1960, após receber um convite para atuar na função de professor de teatro na escola de belas artes de Pernambuco (Carella, 2011). Ao chegar a Recife presenciou diversas experiências relacionadas à sexualidade; experiências que construiriam seus diários. O livro *Orgia: os diários de Tulio Carella*, fruto desses escritos, tem um jogo de personagens que na verdade são correspondentes às pessoas no mundo real, Lúcio Ginarte, por exemplo, corresponde a Tulio Carella.

Essa obra, fruto dos diários de Tulio Carella, se passa, como fora expresso, no cenário do Recife em 1960 a 1962, momento em que o Brasil passava por algumas alterações políticas e sociais. Nessa obra, o autor se dedica a abordar algumas de suas experiências durante essa passagem pelo país, principalmente experiências sexuais. No entanto, por conta do período de conturbações e violências empreendido pela Ditadura civil-militar, Tulio foi perseguido e

expulso do país, retornando ao seu país de origem, a Argentina. Somente na Argentina, Tulio organizou seus escritos junto a alguns personagens brasileiros e, então, a obra foi publicada, no entanto, tal obra fora publicada apenas no Brasil.

Antes de vir ao Brasil, o personagem Lúcio Ginarte, persona de Tulio Carella expressa um misto de sentimentos, haja visto que deixara toda uma vida para trás, inclusive uma esposa. No entanto, ao passo que se sente, de certa forma, aflito, também se sente curioso, como é destacado nas seguintes frases, “Élida não come quase, triste pela perspectiva da viagem. Lúcio, por outro lado, sente-se intimidado pelo trópico desconhecido que o aguarda” (Carella, 2011, p. 34), bem como em “Devo abandonar meu país, minha família, minha casa, meu trabalho, meu cachorro, para passar um ano numa cidade que não conheço e que, por isso mesmo, me atrai” (Carella, 2011, p. 34). Há, portanto, um misto de sentimentos que são naturais a qualquer indivíduo quando se está prestes a conhecer um lugar até então desconhecido, por outro lado, essa vontade de “descobrir” o desconhecido pode também passar por uma noção antropológica com intuito de estudar o outro, embora não fosse a ideia principal e oficial.

Após esse processo de despedida de sua família e de seu país, Lúcio embarca para o Brasil e, em sua primeira parada, visita um amigo em São Paulo. Nessa visita, ao andar pelas ruas, Lúcio inicia o seu processo de interação com os brasileiros. Em uma circunstância não tão agradável, Lúcio percebe estar sendo seguido por um jovem que, de acordo com o livro, se excita ao vê-lo.

Volta a mergulhar na multidão e se depara com uma velha situação: é seguido por um jovenzinho que sorri para ele. [...] O rapaz olha-o de maneira deslumbrada. Adianta-se para esperá-lo e vê-lo passar. Com os livros, procura ocultar sua excitação. [...] lúcio não se altera: está acostumado aos encontros insólitos, às reações incompreensíveis. Sabe que é estrangeiro e, como tal, desejado. Parece destino da raça humana buscar o estranho, o longínquo, o diferente (Carella, 2011, p. 45).

Dessa maneira, ao ponto que estabelece uma naturalidade em relações como a exposta acima, Lúcio destaca que é uma reação comum à humanidade procurar aquilo que é diferente, portanto, da mesma forma que para os brasileiros, Lúcio é o estrangeiro, os brasileiros são o aspecto diferente, estranho, para Lúcio, o que, por sua vez, também desperta nele uma curiosidade sobre o outro.

Após a passagem por São Paulo, Lúcio embarca e faz uma nova escala, dessa vez em Salvador. Na capital baiana, Lúcio expõe novas relações interpessoais, dessa vez mais profundas e sexuais. Nessa noite, Lúcio e outros dois passageiros se aventuram em um ato sexual, onde uma personagem conhecida como “Carioca” invade o quarto onde passariam a

noite e os conduz à relação. Essa passagem, assim como outras posteriores, passam uma ideia de naturalidade com que as relações sexuais ocorrem no Brasil.

Ao chegar ao Recife, ele descobre, dentre alguns acontecimentos, que a Carioca é pernambucana, o que pode fazer sentido para Lúcio após algumas vivências em Recife. Além disso, apesar de se sentir sozinho e intimidado pelo novo, Lúcio destaca que “[...] a cidade pode ocultar muitas coisas estranhas. Sem perceber, está cedendo ao feitiço que se insinua de maneira oculta, secreta” (Carella, 2011, p. 55). Essa fala fortifica a ideia exposta anteriormente de que o estranho motiva o interesse de todos. O estrangeiro é lugar de desejo e conhecimento, mas o estrangeiro também possui um desejo pelo lugar “estranho” que passou a habitar.

Em momento posterior, Lúcio expõe um acontecimento que o deixa surpreso, mas não ao ponto de achar algo ultrajante: “Um pouco mais adiante, numa rua transversal, há um bar aberto. Entra, e logo que desabotoa a braguilha surge um rapaz louro que se inclina e chupa seu membro, de surpresa. Lúcio deixa, divertido e pasmado, vendo como o jovem se masturba com um frenesi cedo” (Carella, 2011, p. 75). Nesse ponto, devemos lembrar que essa obra se trata de um apanhado de diários pessoais, portanto, existem práticas descritas de forma explícita.

Retornando ao trecho posto anteriormente, percebemos que há uma ação, bem como uma reação, já que Lúcio não se desfaz da empreitada do jovem, além disso, percebemos também que Lúcio reage com uma naturalidade mediante a esse acontecimento, nos permitindo inferir que essas ações não o perturbavam, na verdade poderiam se configurar enquanto um desejo.

A seguir, em outra passagem do livro, abordamos, de forma mais profunda, a ideia de naturalidade sobre os atos sexuais no Recife: “[...] além dos jovens que caminham rapidamente há uma enorme quantidade de mendigos, entre eles rapazes de aspecto agradável, parecendo robustos e sãos. Aqui não se conhece os preâmbulos, pensa Lúcio, duas pessoas se encontram e vão copular em seguida” (Carella, 2011, p. 76). O fato dele expor que duas pessoas se encontram e ligeiramente se propõem ao ato sexual, demonstra uma noção de que as relações sexuais naquele lugar são naturalizadas ao ponto de dois desconhecidos o fazerem tão espontaneamente.

Por conseguinte, Lúcio discorre que

Volta à repartição onde se atendem os estrangeiros. O chefe o recebe como se ele, por sua condição de estrangeiro, fosse um criminoso. Há uma frieza interior nesse viúvo—usa duas alianças no anelar esquerdo— que Lúcio não imagina compatível com este clima. E, no entanto, leu certa vez que a civilização do açúcar é muito doce em alguns aspectos, mas cheia de detalhe cruéis. O clima moral de Pernambuco é particularmente

turbulento, o meio destaca-se pela sensualidade brutal e o ambiente está viciado por um constante sadomasoquismo (Carella, 2011, p. 82).

Essa noção de que a “civilização do açúcar é muito doce em alguns aspectos” está dentro de uma mesma perspectiva que o autor expõe em outros momentos, quando aborda que os brasileiros, especificamente os recifenses, são graciosos, amáveis e amigáveis, trazendo com essas colocações uma idealização de amistosidade misturada com ingenuidade. Além disso, quando ele destaca que “o meio destaca-se pela sensualidade brutal” também está dentro de uma lógica estereotipada sobre esse brasileiro, que acabam sendo “confirmadas” a ele ao longo de seus relatos pessoais. Em relação ao sadomasoquismo, em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre destaca essa forte construção de relações sadomasoquista entre o senhor do engenho e os escravizados. Tais relações, segundo esse autor, são incentivadas, de certa forma, desde a infância do menino de engenho, que presencia essas situações no dia a dia.

Assim, por meio desse trecho, dentre outros, podemos perceber uma relação entre o que Lúcio discorre e uma imagem já cristalizada de Brasil; noção fortalecida a partir de obras, como as de Gilberto Freyre. A teoria positivada da miscigenação brasileira ganha destaque na obra de Tulio Carella, haja visto que o autor sempre retorna a essa ideia da sensualidade do brasileiro, especificamente do recifense. Além disso, Carella também aborda a ideia de que o rumo do Brasil seria outro, se não fosse a influência do negro (Carella, 2011), como veremos adiante.

Os diários de Tulio funcionavam para ele tal qual uma confissão, era nos diários que ele colocava tudo e sentia “um desafogo que limpa sua alma de sujeira” (Carella, 2011, p. 67). Esses diários também pareciam um lugar onde um estudioso descreve o seu objeto de estudo. Em vários momentos, Lúcio aparenta estar observando tudo ao seu redor, pensando em como todas as relações a sua volta acontecem, por que acontecem e por que são dessa forma.

Nessa obra é possível notar uma grande presença das relações homoafetivas, incluindo as experiências de Lúcio Ginarte. No entanto, apesar de aparecerem com frequência na obra, evidentemente, não eram relações normalizadas pela sociedade, por isso em determinados momentos do livro os personagens se afastam quando veem uma autoridade ou mesmo outras pessoas.

Ressaltamos a maior presença de relações homoafetivas pelo fato de que estas são relações “não normais”, o que as colocam em local privilegiado dentro do objetivo deste tópico, que é discutir a existência de uma ordem discursiva acerca da sexualidade. Assim, propomos uma discussão sobre o porquê de Gilberto Freyre ter sido um autor legitimado para lidar com

um tipo de sexualidade que seria “genuinamente” brasileira, um verdadeiro “patrimônio nacional”, enquanto a obra de Tulio, e o próprio autor, terem sido rechaçados e inviabilizados.

Essa obra também nos proporciona uma visualização sobre a população do Recife, que era em sua maioria uma mistura entre grupos étnicos. Sempre que fala sobre os indivíduos que o abordam na rua, Lúcio os descreve e, na maioria, são pessoas que apresentam características que remetem a uma “mescla” racial.

Talvez existam poucos indivíduos de pura raça, todos são quase sempre o resultado de um cruzamento. Começo a ver coisas para as quais, antes, estava cego. Esses louros de cabelo crespo são chamados cabras. Além disto, há negros de diferentes tonalidades: cinzento, azul, avermelhado, dourado. Há mulatos escuros e mulatos claros, há negros com feições europeias e cabras com feições africanas. Existe uma unidade racial básica neles e é espantoso compreender tal coisa (Carella, 2011, p. 102).

Com base no exposto, percebemos que, a partir de um tempo após sua chegada, Lúcio passou a perceber que há diferenças no que diz respeito à constituição racial de cada indivíduo e que, ainda assim, há uma unidade nessas diferenças; essa unidade, portanto, seria aquela que Gilberto Freyre buscou submeter a um olhar otimista: a mestiçagem. Ele chega a abordar essa mestiçagem de forma mais explícita: “Ao passar pela rua da Imperatriz, um oficial dos fuzileiros navais se coloca de tal maneira que minha mão roça o seu pênis quando passo. – O que me atrai no Recife é a atmosfera moral, ou melhor, imoral. Isto é a África com as vantagens do ocidente” (Carella, 2011, p. 168). E na passagem seguinte:

Não, aqui não há discriminação racial. No entanto, há algum vestígio de preconceito com o negro. Não compreendem que sem o negro o Brasil se enfraqueceria e sua civilização seria completamente diferente[...] a preocupação do sangue limpo é uma das tantas vaidades, um complexo de superioridade que serve de lenitivo ao homem oco. Uma coisa é certa: mais claros, mais escuros, brancos, negros, mestiços, morenos ou louros têm algo que os caracteriza e os situa no mesmo espaço e no tempo: são brasileiros. As tensões raciais equilibram-se em unidade (Carella, 2011, p. 169).

Na primeira passagem exposta, além de atos de caráter sexual estarem de forma explícita, algo que também está explícito é essa ideia de que a atmosfera recifense está envolta de uma não moralidade, de que ela seria quase uma sociedade de libertinagem e isso agrada Lúcio Ginarte. No entanto, isso não se relaciona apenas com o que Lúcio sente sobre Recife. Partindo dessa ideia estabelecida pelo autor, há, de certa forma, uma ligação com uma noção de um Brasil libidinoso. Por meio dos relatos deste autor, há uma possibilidade de confirmação da ideia de um povo inteiramente propenso e aberto ao desejo sexual.

Esse Brasil enquanto “naturalmente” libidinoso nada mais é do que fruto de uma construção que naturalizou essa característica enquanto algo natural e inato da população brasileira. Tal construção, podemos dizer, mantém relação íntima com as proposições discursivas de Gilberto Freyre, principalmente as que constam em *Casa Grande & Senzala*, que fornece, além de uma visão positiva sobre a miscigenação, um olhar focado no aspecto sexual que possibilitou essa “brasilidade”.

Por conseguinte, a segunda passagem age como uma complementação do que fora dito na primeira, pois, como deixa claro o autor, o que o atrai em Recife é a mistura entre África e ocidente. No segundo trecho, Lúcio destaca que sem o negro africano, o Brasil não seria Brasil. Na ausência desse elemento “o Brasil se enfraqueceria”. Essa abordagem feita pelo autor nos mostra uma relação com a perspectiva de Gilberto Freyre, mesmo que não seja de forma direta. Isso porque em *Casa Grande & Senzala*, o autor se propôs a demonstrar como o negro teve influência sobre a formação de uma sociedade propriamente brasileira e, para além disso, ele demonstra que sem as características do negro africano, o regime colonial empregado pelos portugueses não teria obtido êxito. Os autores, portanto, pensam de forma similar.

Embora não haja, no texto de Tulio Carella, uma citação direta à obra de Gilberto Freyre naquilo que diz respeito à sexualidade do brasileiro – embora ele mencione o sociólogo por outras razões – devemos considerar que Tulio veio ao Brasil na década de 1960, momento em que a obra de Freyre já estava consagrada. Sendo assim, podemos sugerir que pode ter havido alguma influência do intelectual brasileiro sobre o argentino, visto que as obras freyrianas tiveram grande reverberação nacional e internacional, ou seja, podemos sugerir que os diários do argentino estavam interpretando a sexualidade dos brasileiros a partir das imagens consagradas construídas por Gilberto Freyre.

Lúcio, além da mestiçagem, aborda um ponto interessante quando escreve que

a palavra negro adquiriu, com o tempo, uma carga erótica que eles nem sequer imaginam. Se a repito constantemente é porque a sinto como uma nota musical, um som arrulhador, algo envolvente. – Estou mudando: meu ser se perde ou se altera, pareço outro. Começo a sentir-me prisioneiro numa série de atrativos nunca antes imaginados (Carella, 2011, p. 102).

Com base no trecho acima, nos deparamos com uma ideia importante: a de que a palavra “negro” foi se tornando alvo de erotização. Frantz Fanon, na obra *Pele negra, máscaras brancas*, se debruça primordialmente sobre questões de psicanálise relacionada a pessoa negra,

o martinicano principalmente. Dentro de sua análise, ele expõe como a colonialidade foi responsável por criar um espelho sobre o outro, nesse caso, sobre o negro.

O negro, segundo a obra de Fanon, quer se assemelhar ao branco. Ele não se sentirá bom o suficiente, se não parecer minimamente com o branco, e isso é fruto de um regime estrutural, que é a colonialidade. Mas, além dessa ideia, ele aborda também essa construção do negro enquanto desejável no aspecto sexual, “Pois o negro tem uma potência sexual alucinante” (Fanon, 2008, p. 138).

Há uma expressão que, com o tempo, erotizou-se de modo especial: o atleta negro. Essa figura, confiou-nos uma moça, é algo que assanha o coração. Uma prostituta nos disse que, há algum tempo, só a idéia de dormir com um negro a levava ao orgasmo. Ela os procurava sem exigir dinheiro. Mas, acrescentou, “dormir com eles não tinha nada de mais do que com os brancos. Eu chegava ao orgasmo antes do ato. Eu ficava pensando (imaginando) tudo o que eles poderiam fazer: e era isso que era formidável” [sic] (Fanon, 2008, p. 139).

Dessa forma, podemos dizer que a carga erótica que a palavra “negro” adquiriu com o tempo, segundo a obra de Tulio, relaciona-se com um processo temporal carregado de significância, o regime de colonialidade, tratado por Fanon na obra já citada. Essa colonialidade não diz respeito somente a uma colonização do espaço físico, como também, e principalmente da mentalidade. O trecho acima demonstra isso à medida que expressa a noção fetichista sobre o indivíduo negro. A mulher o deseja pela sua potência sexual e chega ao orgasmo mesmo antes do ato se concretizar apenas por pensar em tudo que aquele homem negro poderia fazer. O espelho que a colonialidade criou sobre esses indivíduos os afeta em dobro. Ao mesmo tempo em que eles procuram se assemelhar ao branco, buscando se afastar do personagem criado pelo de subjugação eurocêntrico, o branco perpetua as impressões sobre esses indivíduos.

Ademais, aprofundando-se nas relações homoafetivas, Lúcio discorre que “[...] na realidade, poderia dizer-se que a cidade está dividida em duas partes: a hetero e a homossexual, o porto e o centro” (Carella, 2011, p. 115), o que exprime uma ideia de diferenças entre determinadas partes da cidade e, além disso, também pode significar, nessa perspectiva, que há um lugar determinado para os tipos de envolvimento amorosos, nos permitindo entrar na discussão sobre uma ordem, um exercício de organização e controle sobre os lugares socioculturais em que as diferentes relações afetivas sexuais podem ocorrer.

Acerca dessa divisão da cidade entre o hetero e o homossexual, temos em *História da sexualidade* (Foucault, 1999) uma ideia que pode nos ajudar na compreensão de tal distinção

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica — estes "outros vitorianos", diria Stephen Marcus — parecem ter feito passar, de maneira sub-reptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados (Foucault, 1999, p. 6).

Dessa forma, Foucault, ao questionar a ideia de que houve um silenciamento sobre a sexualidade a partir da era vitoriana, nos mostra que as distintas práticas sexuais não só existiam, como eram constantemente enunciadas, mas sob uma série de regras, ou seja, elas deviam existir mediante um controle. Assim, pensando uma relação direta entre a frase retirada do diário de Tulio e o argumento foucaultiano, verificamos que, para ambos, as “sexualidades ilegítimas” devem procurar um outro lugar, a “margem”. Por isso haveria, para Tulio, uma distinção tão perceptível entre o “hetero”, que se caracterizaria a sexualidade legítima, e o “homossexual”, que aqui seria incluída no campo do ilegítimo.

Em momento posterior, Lúcio Ginarte aborda um encontro com um homem conhecido como King Kong devido às características físicas descritas pelo autor: “[...] praticou o halterofilismo e adquiriu um corpo que é considerado perfeito entre os entendidos” (Carella, 2011, p. 115). Esse personagem, King Kong, é uma das relações homoafetivas que Lúcio estabelece no Recife.

Falamos no tópico anterior, sobre a história da sexualidade, sobre uma ordem discursiva que procura controlar tudo o que se diz sobre o tema (da sexualidade) e que essa ordem precisa estar bem informada (ela tem a necessidade de saber tudo) para operar o seu poder, a exemplo de uma igreja, que, por meio das confissões, mantém os fiéis sob controle. É o caso de pensar a própria modernidade como uma condição histórica que nos impele, a todos e todas, à prática do “relatório”, do “esquadrinhamento”, da explicação racional. O sujeito moderno é aquele que não suportaria o inexplicável e que, por isso, sentiria uma irresistível necessidade de colocar no domínio da linguagem tudo o que se passa em seu mundo.

Tulio, como um sujeito moderno, procura descrever em seus diários todos os detalhes das situações que ocorrem ao seu redor e consigo. Essa prática, de acordo com a obra *Orgia: diários de Tulio Carella*, é, para Lúcio, como um confessionário onde ele se desvencilha de todas as sensações que aquelas vivências proporcionaram a ele, o que está relacionado a uma relação de controle institucionalizada. Essa ideia corrobora o que Michel Foucault nos fala em sua *História da sexualidade*:

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não "demanda" nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação (Foucault, 1999, p. 45).

Dessa maneira, em consonância com o trecho da obra foucaultiana, podemos perceber que os diários seriam, para Tulio Carella, essa confissão profundamente incorporada que já não mais é percebida enquanto um exercício de poder que coage, mas como algo natural e necessário.

Entretanto, partindo para um outro ponto, nessa obra ele não apenas observa aqueles ao seu redor e o que fazem ou falam, ele quer saber como as coisas acontecem e a experimentação parece ser uma forma de conhecer a teoria. O personagem Lúcio também quer saber os motivos que levaram um homem a ter relações com uma pessoa do mesmo gênero, o que também se assemelha ao controle exercido por determinadas instituições de controle. Há sempre uma necessidade de saber todos os detalhes.

Após a relação com King Kong, Lúcio quer entender todas as motivações do parceiro. Ele quer entender por que King Kong quis estabelecer uma relação sexual e mesmo porque chegou ao orgasmo com ele. Há, dessa forma, uma via dupla entre o saber e a prática. Dessa maneira, podemos entender a existência de uma relação entre os diários de Carella e uma história da sexualidade. Essa relação se mostra mesmo quando, no prefácio do livro, o autor expõe que “A partir dos anos 1980, tornou-se objeto de culto em meios literário-acadêmicos e trechos eróticos inteiros – como a admirável narrativa do encontro amoroso do protagonista com o pugilista apelidado King Kong – foram reproduzidos em estudos sobre sexualidade em vários países” (Carella, 2011, p. 9).

Podemos propor uma significativa relação entre o fato de Lúcio desejar entender todas as circunstâncias envolvidas na relação estabelecida entre ele e King Kong, com o que Foucault apresenta no seguinte trecho:

Em compensação, a instância de dominação não se encontra do lado do que fala (pois é ele o pressionado) mas do lado de quem escuta e cala; não do lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. E, finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido (Foucault, 1999, p. 47).

Assim, o que está em jogo nesse questionamento de Lúcio não é uma mera curiosidade, mas sim uma questão de poder-saber-prazer. Sendo assim, essa relação não é uma arte erótica, em que o saber deve continuar escondido, mas sim uma *scientia sexualis*, que se trata não apenas “[...] de dizer o que foi feito — o ato sexual — e como; mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém” (Foucault, 1999, p. 48).

“Lúcio quer refletir sobre o que ocorreu. Não tem dúvida que King Kong é um torturado sexual, mas a coisa é mais intrincada do que supõe. Que motivos teve para gozar? É homossexual? Precisava descarregar urgentemente suas glândulas cheias? Fez isto para agradá-lo?” (Carella, 2011, p. 123-124). Nesse trecho, percebemos o profundo desejo de Lúcio em compreender todas as nuances do ato que acontecera. O que nos leva a pensar que Carella, embora tenha dito não saber ao certo a finalidade dos diários, tivesse uma intenção de entender o que acontecia em uma cidade e práticas sociais diferentes.

Lúcio Ginarte se apresenta como um legítimo sujeito cartesiano (se pensa, existe) e isso é mostrado no trecho que diz “[...] mas há em mim uma ânsia de conhecimento que supera a cobiça ou o desejo de posse, e gostaria de saber, por simples curiosidade, quem roubou o calção” (Carella, 2011, p. 139). Esse desejo de conhecer está impregnado em diversos âmbitos da vida de Lúcio, principalmente nas relações sexuais, e é de possível percepção ao analisar seus escritos.

Essa noção de Lúcio, enquanto buscador de conhecimentos, corrobora o que fora posto anteriormente: ele não busca conhecer apenas por curiosidade, mas sim por uma questão relacionada ao conjunto de poder-saber-prazer.

Retornando à discussão feita em consonância com Frantz Fanon, no capítulo cinco de sua obra, Lúcio apresenta uma noção que demonstra a proximidade dessa obra com o que Fanon estabelece em *Pele negra, máscaras brancas*.

Na atmosfera do Recife respira-se sexo puro e eu estou me intoxicando. Mas não posso perder tempo sentindo-me culpado; é preciso viver. De repente, vejo que sei muito menos acerca dos homens do que supunha, nada é como parece; ninguém é o que parece ser. Esses morenos se sentem orgulhosos por darem aos brancos o que têm de melhor. O melhor: seu pênis (Carella, 2011, p. 153-154).

Frantz Fanon apresentou em seu estudo, como já fora demonstrado anteriormente nesse escrito, a ideia de que o negro é para a sociedade um ser totalmente ligado ao seu órgão genital

e isso era o que faria desse indivíduo um perigo para os brancos. Esse estudo, é claro, está mais relacionado a uma invenção de identidade do negro do que de fato a uma realidade deste.

Lúcio expõe muitos encontros com outros homens durante os passeios nas ruas do Recife, no entanto, não se reduz apenas às relações homoafetivas. No final do capítulo cinco ele aborda um encontro com uma jovem chamada Anforita. Essa relação nos mostra que, embora haja uma maior interação entre Lúcio e os homens, ele não se apegua a rotulações normativas ou não normativas. Ele apenas se sente atraído como um ímã aos corpos dos recifenses e essa atração quase inevitável é elencada em seus escritos.

Seja como for, a mente de Lúcio está cheia de imagens eróticas e é empurrada para os corpos com força irremovível. Viver, no fundo - pensa com Nietzsche - é um querer opor-se à natureza. A sociedade odeia ou ri das atividades sexuais que chama de desviadas. Mas o que acontece nesta terra onde a maioria parece abandonar-se ao deleite orgiástico? Lúcio vai penetrando com assombro nesta civilização que é tão diferente da sua; o assombro não é instantâneo, mas o domina por etapas, da mesma forma que o amor pela cidade. O Recife permite que o homem viva em contato com a natureza: o mar, o rio, as árvores, os doentes, os mendigos, os cachorros; o indivíduo se torna mais rico, mais vivo. Há uma espécie de idolatria nesta preferência pelo sensual em detrimento do anímico. [...] Naturalmente continua anotando em seu diário os acontecimentos, mas não lhes atribui nenhum valor. E um hábito que lhe serve de descarga. Muitas vezes sente-se purificado depois de realizar suas anotações. E se critica a sociedade por observar, mais que outro, o pecado erótico, vê que ele, por sua parte, dá uma desmedida preferência ao erótico. Mas o fato é que ele é essa sociedade, faz parte dela, integra-a, atua com ela (Carella, 2011, p. 162).

Dessa maneira, Lúcio se reconhece nessa sociedade. A sensualidade naturalizada do ambiente do Recife o recebe de forma acolhedora e o faz sentir como se não pudesse resistir a todos os deleites da vida nessa cidade, pois a cada esquina há uma relação para se estabelecer e ele não a nega e isso diz respeito ao fato de que “ele é essa sociedade, faz parte dela, integra-a, atua com ela”. Portanto, é como se não pudesse fazer outra escolha a não ser se permitir, observar, praticar e, em seguida, se confessar, no seu diário, para afirmar para si mesmo que naquelas relações ele é o “sujeito” e não o “objeto”. Lúcio é, dessa maneira, aquilo que Freyre denuncia em entrevista concedida à Playboy, em 1980:

Playboy: E essas experiências acrescentaram muita coisa ao conhecimento que o senhor tinha sobre sexo?

Freyre: Sem dúvida acrescentaram, porque foi com mulheres de tipo exótico, que me interessava conhecer do ponto de vista antropológico. Foram experiências valiosas para mim inclusive desse ponto de vista. Lembro-me de que, em Lourenço Marques [atual Maputo, capital de Moçambique], alguns amigos me ofereceram uma ceia muito amável e que lá conheci umas mulheres muito refinadas, européias, muito louras. Mas se eu me interessasse por elas seria uma traição à minha esposa. Mas, com autorização dela, tive experiências com mulheres pretas e mulatas na África; e com uma indiana em Bombaim.

Playboy: Mas então, pelo menos nesse caso, o sexo para o senhor foi muito mais um objeto de estudo do que um prazer por necessidade...

Freyre: Nessas minhas experiências escolhi mulheres que me atraíam sexualmente, de modo que havia uma experiência erótica e, paralelamente, uma **experiência antropológica** (Freyre, 1980).

Assim, bem como em Freyre, para Lúcio, essas experiências apresentam uma espécie de relação com um fazer antropológico, mesmo que não seja abordado de forma tão clara quanto em Gilberto Freyre. Percebemos, afinal, uma relação entre ambos os autores.

Se compararmos o que Freyre discute em obras, como *Casa Grande & Senzala*, e o que Tulio descreve em seus diários, notamos as semelhanças de percepções sobre Recife, bem como sobre o Brasil. Essa semelhança ocorre principalmente sobre a forma com que Tulio discute a relação dessa população com o sexo, abordando tais questões como algo natural.

Essas exposições parecem uma confirmação daquilo que Freyre abordou, visto que, um dos pontos principais de *Casa Grande & Senzala* é abordar a miscigenação enquanto fator principal para a construção de um Brasil, destacando um teor sexual dessa formação. Em Tulio Carella, podemos apreender uma mesma perspectiva, haja visto que, para ele “sem o negro o Brasil se enfraqueceria e sua civilização seria completamente diferente”. Além disso, a própria questão sobre a sexualidade é bem abordada em ambos os autores, embora a obra de Tulio seja mais explícita que a de Freyre.

Inicialmente, deixamos claro que a intenção era estabelecer a ideia de que existem discursos que são “autorizados” e outros não. Assim, nossa forma de fazer isso foi por meio da explanação da obra de Tulio Carella, que embora apresente diversos aspectos semelhantes àqueles apresentados por Gilberto Freyre, não se tornou uma obra de grande reverberação na sociedade.

Dessa maneira, fazendo uma análise sob um olhar foucaultiano, constatamos que, de fato, existem regras que regem um discurso e que definem se um proposto discurso será relevante e terá difusão, como o caso de Freyre.

Partindo dessa análise sobre ambos os autores, notamos que algumas características nos concedem uma percepção sobre a autorização ou não das obras. A primeiro momento devemos destacar o contexto de ambas. Em ordem cronológica, temos a obra *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933. Essa obra, como já fora abordado anteriormente, estava de acordo com as demandas do período, visto que na década de 1930 havia uma necessidade de promover o sentimento de unidade nacional. Sendo assim, como unir uma nação miscigenada, se não fazendo-a se reconhecer com sua principal característica? Assim, o contexto histórico auxilia a

estabelecer o que é ou não importante. Além disso, na obra *A Ordem do discurso*, de Michel Foucault, também está claro que nem todos podem falar sobre tudo e em todos os lugares, ou seja, existem lugares e indivíduos que são autorizados a discorrer sobre determinados temas, dessa forma, Gilberto Freyre, um homem branco herdeiro de uma tradição aristocrática e escravocrata estaria dentro das regras, pois trata-se de um representante da elite.

Nascido em 1900, em Recife, Freyre esteve muito próximo de uma tradição escravocrata, até mesmo pelo fato de estar inserido em uma elite tradicional, uma elite de senhores de engenho. Dessa forma, além de estar a serviço de uma necessidade política sociocultural, Gilberto Freyre estava em um lugar de privilégio na sociedade.

Tulio Carella, em contrapartida, não se inseria em nenhuma dessas regras destacadas acima. Um intelectual Argentino que veio para o Brasil em 1960 para assumir uma cátedra na escola de belas artes de Pernambuco (Carella, 2011).

Dessa maneira, podemos elencar alguns elementos que colocam Tulio em um lugar de desprivilegio. Um desses elementos, podemos inferir, seria o fato de que o autor destacado esteve no Brasil em um momento de forte alteração sociopolítica. Além disso, devemos elencar outras duas questões: Tulio era um estrangeiro que não pertencia a um lugar de prestígio sociocultural no Brasil; e podemos estabelecer que o seu objeto discursivo está – pensando em uma ordem do discurso – em um lugar sensível e que, como propomos antes não pode ser discutida de qualquer forma ou por qualquer pessoa. Assim, ao falar das relações sexuais, principalmente sobre relações não heteronormativas, ele afeta um ponto específico de uma ordem do discurso.

Em um trecho de sua obra, Tulio diz que: “A sociedade odeia ou ri das atividades sexuais que chama de desviadas” (Carella, 2011, p. 162), no entanto, podemos dizer que a sociedade odeia ou ri dessas práticas “desviantes” enquanto abordadas por indivíduos como Tulio Carella, mas, quando as mesmas práticas são discutidas por indivíduos como Gilberto Freyre, elas são ouvidas. Desse modo, pensando em uma sociedade do discurso, o que ocorre é para além de odiar ou não tais práticas sexuais, na verdade, o que está por trás disso é o uso da autoridade para inviabilizar um discurso.

Desse modo, ao propor uma breve análise entre Carella e Gilberto Freyre, nosso objetivo é reforçar a figura freyriana enquanto elemento autorizado e responsável por uma alteração no cenário ideológico do Brasil, visto que, o autor de *Casa Grande & Senzala*, dotado dessa autoridade e legitimidade discursiva, transformou a sexualidade brasileira, construída mediante os cruzamentos étnicos-raciais, em um patrimônio nacional essencial para o processo de

formação de uma identidade brasileira. Patrimonialização possível principalmente por tratar dessas relações sexuais enquanto um entorno do homem branco, ou seja, uma hierarquização que mantém o homem branco em uma posição central.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, devemos retomar, nesse momento, o principal objetivo dessa pesquisa é entender de que forma Gilberto Freyre utilizou a sexualidade para pensar a constituição do “ser brasileiro”, propondo um novo olhar que positivou a miscigenação brasileira. Dessa maneira, a partir dessa pesquisa, conseguimos constatar pontos importantes para a construção desse trabalho que nos possibilitou compreender questões dos âmbitos sociais e culturais do Brasil.

A partir desse estudo, pudemos entender que a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, surgiu enquanto um ponto de alteração de uma ordem raciológica, visto que, por meio da discussão em Lilia Schwarcz – *O Espetáculo das Raças* – e Renato Ortiz – *Cultura brasileira & Identidade Nacional* –, notamos que as teorias raciais que estiveram em vigor no Brasil durante algum tempo se apresentam extremamente deterministas e essencialmente sob um olhar racial, ignorando, em muitos casos, outros fatores. Gilberto Freyre, em contrapartida, lança mão de um olhar menos pessimista, propondo uma teoria mais culturalista capaz de tornar a miscigenação, antes vista como um mal ao progresso do Brasil, em uma solução para o êxito do Brasil.

Ademais, embora represente um ponto de mudança em relação as teorias raciais, Gilberto Freyre não se desvencilha por completo dessas linhas de pensamento. Desse modo, o autor de *Casa Grande & Senzala* pode ser considerado enquanto uma ponte entre linhas intelectuais tradicionais e modernas, visto que permitiu um olhar diferente (positivo) sobre a mistura do povo brasileiro, mas ainda estava muito próximo do pensamento tradicional acerca dessas questões. A ideia de raça, embora não fosse o central em sua pesquisa, não foi descartada enquanto elemento de hierarquização dos troncos étnicos formadores do Brasil.

Por conseguinte, podemos dizer que Freyre propôs uma análise profunda sobre a formação do Brasil, elencando aspectos positivos de cada grupo étnico, demonstrando como cada um dos grupos teria sido fator influente sobre o que viria a se constituir em Brasil. Entretanto, essa não foi a única constatação aprendida durante a pesquisa. Para além de compreender que Freyre tornou a miscigenação uma característica positiva do brasileiro, nos importou ainda mais compreender a maneira como o fez.

Como forma de entender os caminhos tomados por Freyre, nossa trajetória esteve atrelada às obras de Michel Foucault – *A ordem do discurso* e *História da sexualidade*. Nesse momento, propusemos uma discussão acerca de Freyre enquanto um produtor de discurso autorizado. Além disso, estabelecemos uma relação entre *História da sexualidade* e *Casa*

Grande & Senzala a fim de demonstrar que Freyre se utilizava de uma sexualidade ao ponto que tratava das relações ilegítimas que constituíram o Brasil. Partindo dessa análise, propomos então, que os discursos de Freyre eram interessados em uma promoção de um aspecto mestiço enquanto nacional.

Gilberto Freyre, herdeiro da geração anterior, ao se dedicar sobre a formação do Brasil, deveria se ocupar do cruzamento entre raças, dessa maneira, ele não poderia se livrar totalmente da questão racial. Concomitantemente, ao trabalhar com o cruzamento racial, Freyre teria que destacar o comportamento sexual do colonizador. Ligando-se, dessa forma, à *História da sexualidade*, de Foucault. Por sua legitimidade, tudo que Freyre discorre acabou se tornando uma verdade sobre o Brasil.

Por meio da análise de *História da sexualidade*, conseguimos perceber que essa promoção de uma identidade brasileira pautada na miscigenação foi possível pelo fato de que as práticas sexuais estiveram voltadas a um sujeito, o homem branco. De outra maneira, como expusemos no texto, o que Freyre fez foi uma patrimonialização das práticas sexuais em favor do homem branco. Dessa forma, podemos dizer que essa positivação do mestiço só foi possível devido a essa circunstância em específico.

Dessa maneira, para entender de que forma Gilberto Freyre teria utilizado a sexualidade para propor uma alteração na visão pessimista sobre a miscigenação brasileira, elencamos, no primeiro momento, alguns fatores de divergências e convergências entre Freyre e as teorias raciais. Além disso, partimos para uma análise interna da obra, momento em que notamos uma relação entre as propostas de Freyre e sexualidade. Nesse ponto percebemos que há uma hierarquização das práticas sexuais que torna o homem branco o sujeito central. Por meio dessa análise percebemos uma patrimonialização das práticas sexuais, ou seja, uma elevação das práticas sexuais praticadas pelo colonizador branco em aspecto primordial da identidade do Brasil.

Apesar de abordar essa ideia sobre uma patrimonialização das práticas sexuais, esse não foi o foco central desta pesquisa. Na verdade, esse aspecto se constitui enquanto uma questão encontrada no percurso deste trabalho. Visto isso, embora não esteja exposta de forma detalhada, devido ao pouco conhecimento acerca dessa questão, pretendemos nos aprofundar em momento posterior e compreender de forma minuciosa como essa patrimonialização se constitui.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D.'Assunção. História das Idéias—em torno de um domínio historiográfico. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 3, 2008.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARELLA, Tulio. **Orgia: os diários de Tulio Carella**: Recife, 1960. São Paulo: Opera Prima, 2011
- DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Papirus Editora, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. 2008.
- FARIA, Felipe. O neolamarckismo de Edward Drinker Cope e a ideia de progresso biológico no processo evolutivo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, n. 4, p. 1009-1029, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 1999
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003.
- FREYRE, Gilberto. Gilberto Freyre na Playboy (1980). **Playboy**, 1980.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: brasiliense, 2003.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. Qual “retrato do Brasil”? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica. **Mana**, v. 10, p. 61-95, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação como Brasil, 2021.

SOUZA, José Wellington de. **Raça e nacionalidade tropical**: a obra de Gilberto Freyre para além da antropologia culturalista. São Paulo: Dialética, 2021.